

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

GABRIELLA CARVALHO MOTTA

**As Iluminuras do Maître de Rouen nos Livros de Horas do século XV: os tons, os contextos e as representações da Santíssima Trindade**

Uberlândia

2021

GABRIELLA CARVALHO MOTTA

**As Iluminuras do Maître de Rouen nos Livros de Horas do século XV: os tons, os contextos e as representações da Santíssima Trindade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e de licenciatura.

**Área de concentração:** História.

**Orientadora:** Dra. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia

2021

GABRIELLA CARVALHO MOTTA

**As Iluminuras do Maître de Rouen nos Livros de Horas do século XV: os tons, os contextos e as representações da Santíssima Trindade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e de licenciatura.

**Área de concentração:** História.

Uberlândia, 27 de outubro 2021.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento (orientadora) (INHIS/UFU)

---

Profa. Dra. Ivete Batista da Silva Almeida (INHIS/UFU)

---

Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz (INHIS/UFU)

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã, pela paciência, o carinho e a união. Além também de ofertá-lo ao Pai Eterno como gratidão pelas bênçãos e graças concedidas ao longo desta caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Divino Pai Eterno, a quem eu sou muito devota, por todas as bênçãos e sabedoria concebidas ao decorrer desta caminhada. Com a força e a coragem dadas por Ele todos os desafios, dificuldades e vitórias foram vivenciadas. Sem a intercessão dele nada seria possível.

Agradeço também aos meus pais, a dona Gleiva e o seu André, e minha irmã, Hylana, que sempre me ajudaram e tiveram paciência. Minha família sempre esteve comigo em todos os momentos, inclusive nesta caminhada acadêmica, me levando para a Universidade, em alguns dias eu chegava lá e só saía tarde da noite, e para os eventos que eu participava presencialmente. Aproveito para agradecer também a minha tia Rosânia, infelizmente já falecida, que sempre apoiou meus estudos.

Agradeço também aos meus professores e às minhas professoras, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Com o apoio e o compartilhamento de saberes fui inspirada a me tornar uma professora preocupada com um ensino que preze a liberdade e as trocas entre estudantes e docentes. Aproveito para agradecer também à minha orientadora, a professora Mara, que desde o início da minha graduação sempre apoiou minha carreira como professora e pesquisadora.

Além de agradecer às pessoas que partilharam esses longos cinco anos comigo, agradeço também às instituições, no caso a UFU e as escolas onde estagiei, e aos órgãos de fomento à iniciação científica e à docência, como a CNPq e a FAPEMIG. A Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade oferece aos seus discentes muitas oportunidades e um universo extenso e intenso. Meu muito obrigada a todos e a todas!

*Naquele tempo: O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José. Ele era descendente de Davi e o nome da virgem era Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: 'Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!' Maria ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse-lhe: 'Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. (Lc 1, 26-38).*

## RESUMO

O presente trabalho é fruto de inquietações que cercam os imaginários da História Cristã e do que chamamos de História Medieval. Através da pesquisa histórica, mas que também não deixa de ser artística e filosófica, foi possível debater conceitos principais relacionados às Iluminuras ilustradas pelo Maître de Rouen. O texto prioriza conceitos como os de representação, imagem e iconicidade. As produções iluminadas do século XV que são aqui estudadas não eram encontradas de maneira aleatória e acessível ao público nas ruas das cidades europeias. Em grande maioria, elas estavam disponíveis nos Livros de Horas, que continham também calendários litúrgicos e outros textos concernentes à Igreja Medieval, bem como à História Cristã. Ao ilustrar as passagens da vida de Cristo, desde o nascimento até a ressurreição, escolhi um dos momentos representados pelo Maître de Rouen em que é possível perceber a manifestação da tríade Santíssima, qual seja o da Anunciação. O momento da visita do Anjo Gabriel à virgem prometida em casamento, Maria, foi oportuno para a presentificação das três pessoas do Deus Cristão medieval, são elas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, além também de evocar outras figuras divinais, como é o caso angelical. Assim sendo, o enfoque principal do presente estudo é o universo medieval europeu no efervescer das Universidades, mas também em um período de crises e de fome. Por isso, é propício compreender de que maneira estas produções e as representações da Santíssima Trindade acalentavam as almas atordoadas e à espera da Salvação, e voltar o olhar também para articulação dos interesses da instituição à da Igreja Medieval com os dos fiéis devotos.

**Palavras-chave:** História Medieval, História Cristã, Iluminuras, Igreja Medieval, Maître de Rouen, Santíssima Trindade.

## ABSTRACT

This study is the result of the restlessness that surround the imaginary of Christian History and of what we call Medieval History. Through historical research, which is also artistic and philosophical, it was possible to discuss the main concepts related to the Illuminations illustrated by the Maître de Rouen, for example representation, image and iconicity. The 15th century illuminated productions studied here were not found randomly and accessible to the public in the streets of the cities of European. Most of them were available in the Books of Hours, which also contained liturgical calendars and other texts concerning the Medieval Church, as well as Christian History. By illustrating the passages of Christ's life from birth to resurrection, in one of the moments represented by the Maître of Rouen it is possible to perceive the manifestation of the Holy Trinity, namely the Annunciation. The moment of the visit of the Angel Gabriel to the promised virgin, Mary, was opportune for the manifestation of the three persons of the medieval Christian God, namely: the Father, the Son, and the Holy Spirit, besides also evoking other divine figures, as is the case of the angels. Thus, the focus of this study is the medieval European universe in the effervescence of the Universities, but also in a period of crisis and famine. Therefore, it is propitious to understand in what way these productions and the representations of the Holy Trinity soothed the stunned souls waiting for the Salvation and look at the articulation of interests of the Medieval Church institution with those of the devotees.

**Keywords:** Medieval History, Christian History, Illuminations, Medieval Church, Maître de Rouen, Holy Trinity.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Anunciação do anjo Gabriel	23
Figura 2	Nascimento do Menino Jesus	31
Figura 3	O nascimento de Cristo	31
Figura 4	Detalhe São João, Santa Isabel e São Zacarias ao redor do menino Jesus	32
Figura 5	Detalhe guardas observando o nascimento do menino Jesus	33
Figura 6	Detalhe camponês observando o nascimento do menino Jesus	33
Figura 7	Crucificação de Jesus	44
Figura 8	Detalhe dos elementos ligados a morte (caveiras e ossos) em a Crucificação de Jesus	45
Figura 9	A visita de Maria a sua prima Santa Isabel	46
Figura 10	Detalhe sobre o cenário bucólico no momento da visita de Maria a sua prima Santa Isabel	46
Figura 11	Animalia “Leão” no calendário litúrgico	48
Figura 12	Detalhe do animalia “Leão” no calendário litúrgico	48
Figura 13	Detalhe do animalia “Peixes” no calendário litúrgico	49
Figura 14	Detalhe do animalia “Vaca” no calendário litúrgico	49
Figura 15	Cor Verdete	58
Figura 16	Cor Vermelhão	58
Figura 17	Anunciação da virgem Maria pelo Anjo Gabriel – ao exterior sobre o pecado original (Adão e Eva)	61
Figura 18	Anjo tocando a arpa	61
Figura 19	Anjo mexendo com os livros	61
Figura 20	Adão e Eva no Jardim do Éden	61
Figura 21	Detalhe do cumprimento paroquial em a Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel	61
Figura 22	Detalhe da passagem da Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel	62
Figura 23	Detalhe do Espírito Santo em Anunciação de Nossa Senhora	66

Figura 24	Detalhe da anunciação do Anjo Gabriel em Anunciação de Nossa Senhora	67
Figura 25	Detalhe elementos boticário em Anunciação de Nossa Senhora	68
Figura 26	Detalhe animalia em Anunciação de Nossa Senhora	68
Figura 27	Detalhe Deus em Anunciação de Nossa Senhora	69
Figura 28	Anunciação de Nossa Senhora	69

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Levantamento sobre a História de Cristo nos Livros de Horas de liturgia e ritual [1426-1476/1476-1500].	52
----------	---	----

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>1. História, Imagem e Religião: uma discussão teórica.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1. Por uma História dos Conceitos: pensando as definições de Imagem e de Iconografia.....</b>	<b>20</b>
<b>1.2. Nova História: apontamentos e possibilidades.....</b>	<b>26</b>
<b>1.3. A História Cristã nas representações imagéticas.....</b>	<b>30</b>
<b>2. Das Iluminuras medievais: cenários, contextos e tramas.....</b>	<b>36</b>
<b>2.1.Contexto das produções: é possível falar sobre a existência de uma Idade Média?.....</b>	<b>39</b>
<b>2.2. O cotidiano medieval e a presença animalia em segundo plano.....</b>	<b>43</b>
<b>2.3. As relações entre Igreja Medieval e as produções iluminadas.....</b>	<b>50</b>
<b>3. As diferentes representações da anunciação: os tons, os sentidos e o divino em questão.....</b>	<b>55</b>
<b>3.1. O processo químico das cores e as mudanças de estilos das produções na Baixa Idade Média.....</b>	<b>56</b>
<b>3.2. Ouçam as boas novas: sobre a anunciação e a salvação da humanidade.....</b>	<b>60</b>
<b>3.3. Vejam o Espírito Santo: sobre uma das manifestações da Tríade.....</b>	<b>65</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>71</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>73</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Monografia, realizada no Instituto de História, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tem por objetivo analisar as manifestações da Santíssima Trindade em um conjunto de produções iluminadas do século XV e que foram ilustradas pelo *Maitre de Roeyn*. Buscamos mostrar que, diante de um contexto perturbado e de crises, assolado pela peste e também pela fome, a religião e, mais especificamente, a retomada das passagens da História Cristã através de recursos imagéticos poderia ser uma forma de acalento e esperança para as almas devotas da Igreja Medieval.

Esta proposta de investigação surgiu do interesse em estudar as manifestações da Santíssima Trindade para além da História das religiões, mostrando que é possível trabalhar elementos e sujeitos envolvidos na História Cristã a partir de uma perspectiva histórico e científica. Além do mais, foi também uma inquietação com as diversas publicações, inclusive recentes, sobre o que entendemos como Idade Média, publicações estas que insistem em atrelar o imaginário medieval às trevas e também à irracionalidade – no velho debate entre fé e razão. Por isso mesmo, busquei definir a História Medieval através de um olhar plural e universal sobre os fenômenos que envolvem este período e ultrapassam as manifestações religiosas.

Desconstruir o imaginário negativo sobre a História Medieval estudando elementos religiosos e suas aparições é mais difícil do que parece. Ainda assim, é possível. Afirmar que as comunidades medievais estavam imersas no imaginário religioso não quer dizer que elas eram desprovidas da razão, caso contrário, nem os hospitais, nem as universidades teriam sido criadas na Idade Média e pela Igreja Medieval. Portanto, para possibilitarmos um debate plural, histórico e científico precisamos correlacionar várias áreas da História, dentre elas, a História dos Conceitos, a História das Mentalidades e também História e Imagem.

Com isso, o primeiro capítulo intitulado “História, Imagem e Religião: uma discussão teórica” foi o momento de relacionar estas grandes áreas e compreender em que medida elas podem contribuir para a análise das fontes aqui selecionadas. Ao atingir esta proposta, pude perceber que o entendimento de uma leva à compreensão da outra, ou seja, a História dos Conceitos não é produzida, como afirma Koselleck<sup>1</sup>, sem o exercício de cunho teórico e reflexivo, bem como as Imagens também passam por possíveis relações com o poder e a política nas comunidades onde são produzidas e difundidas. Assim sendo, as Iluminuras medievais

---

<sup>1</sup> KOSELLEK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, pp. 137-138.

produzidas pelo *Maître de Rouen* estão diretamente relacionadas com o contexto conturbado do século XV.

Mas, afinal, quem era o famoso *Maître de Rouen*? Segundo Rabel<sup>2</sup>, além de ser um parisiense dotado de habilidades artísticas, Rouen era eclesiástico e secular. Ao analisar sua extensa biblioteca que conta com cerca de mais de mil manuscritos, entre livros e cópias, a pesquisadora percebeu que sua técnica é perfeita e suas pinturas possui uma marca que as distingue de outras, qual seja, o uso de cores brilhantes como é o caso do vermelho e do azul. O ilustrador não se dedicava apenas a pinturas ligadas ao imaginário religioso, mas ia além, ilustrando também passagens de importantes nomes da política medievalesca do século XV. Devido a essa expressividade política, a coleção municipal disponível em sua biblioteca, de acordo com a autora, foi recolhida inicialmente com um propósito: a burguesia queria se afirmar como terceira força frente a aristocracia e também ao clero.

A partir destas tramas políticas e religiosas, somos levados ao seguinte questionamento: as imagens são meramente reproduções fidedignas da realidade ou os filtros sociais e políticos interferem diretamente no produto final? Para responder a tal pergunta recorreremos a Silva<sup>3</sup> que define as imagens como representação de ideias, sentimentos e valores da sociedade, logo são dotadas de valor documental e não são apenas meras ilustrações desconectadas da realidade. Então, podemos compreender que a leitura e a contemplação das imagens sobre as passagens da História Cristã pelas comunidades medievais são diretamente influenciadas pelos dogmas da Igreja Medieval, tanto que, as produções iluminadas reforçam os momentos principais da vida do Cristo Salvador, desde a anunciação até a crucificação. Além disso, há uma aproximação entre as tormentas vivenciadas pelo *Verbo encarnado* e a criatura medieval, já que, ambos estavam sofrendo com as tormentas e a dor da morte.

O cenário de tristeza, morte e devastação marcante no século XV contribuiu negativamente para o que entendemos como “Idade Média”, e os renascentistas italianos souberam muito bem usar isso ao seu favor. Com a passagem da História Medieval para a Modernidade, os renascentistas estabeleceram que os longos séculos da Idade Média seriam um período intermediário entre a Antiguidade e Modernidade, e mais, convencionaram e correlacionaram o terrível conceito de “Idade das Trevas” ao imaginário do que seria a História Medieval. E suas implicações interferem até hoje na construção do Ensino de História, tanto

---

<sup>2</sup> RABEL, Claudia. *Artiste et clientèle à la fin du Moyen Age : les manuscrits profanes du Maître de l'échevinage de Rouen*. In: *Revue de l'Art*, 1989, n°84, pp. 48-49.

<sup>3</sup> SILVA, Kalina Vanderlei. *Verbete “Iconografia”*. In: *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 198.

que a comunidade escolar que preza por um ensino plural e universal rende esforços para desconstruir o imaginário negativo em torno do período medieval.<sup>4</sup>

Por isso, o segundo capítulo da presente pesquisa chamado “Das Iluminuras Medievais: cenários, contextos e tramas” é um momento dedicado a compreensão e apropriação dos sentidos atribuídos a “Idade Média” que implica, inclusive, nas notícias de jornais na atual conjuntura da política brasileira, tanto que a pergunta da primeira seção indaga o leitor se é possível falarmos da existência de uma Idade Média. E já adiantando a resposta que o leitor irá encontrar mais detalhadamente, é não, não podemos falar de uma única Idade Média. Entretanto, como nosso objetivo principal de estudo são as representações da Santíssima Trindade, não poderíamos abandonar o entendimento de quem eram estas comunidades medievais e quais as possíveis relações entre a religião da Palavra e as produções iluminadas.

A era de crises da Baixa Idade Média que iniciou em meados do século XIV e se estendeu ao decorrer do século XV, afetou várias dimensões da vida cotidiana medieval, inclusive as manifestações religiosas. Com a presença constante da morte e o medo de morrer, o macabro ganhou destaque. Entretanto, nas Iluminuras aqui a serem analisadas, o mestre Rouen ignorou os temas ligados a morte e ao morrer, e transformou as manifestações artísticas em imagens bucólicas, com vales verdejantes e céu azulado como vemos na passagem da A visita de Maria a sua prima Santa Isabel (Figura 6). Ainda assim, podemos encontrar uma possível justificativa para as escolhas do ilustrador, já que o interesse principal das produções era mostrar a vida e a vinda do Cristo Salvador, e não a morte.

Mas de que maneira o contexto tão conturbado da Baixa Idade Média influenciou nas produções imagéticas ilustradas por Rouen? Ao desenvolver a definição do discurso religioso, Latour<sup>5</sup> afirma que, mesmo obedecendo uma ordem cronológica, podem quebrar a continuidade para chamar a atenção do leitor, e por isso a definição do autor vai ao encontro das produções ilustradas pelo famoso *Maître*. Ao representar as passagens da História Cristã, do nascimento até a ressurreição, o ilustrador não obedece a ordem cronológica dos fatos e chega até a inserir momentos passados intercalados com ocasiões futuras – como é o caso da Adoração dos Três Reis logo após a oferta ao Menino Jesus (Tabela 1). Ainda assim, o fiel devoto reconhece os momentos da História Cristã e pode sentir naquelas representações sobre a vinda de Cristo a materialização da esperança da salvação mesmo diante da catastrófica vivência dos finais do século XV.

---

<sup>4</sup> SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2020, (Coleção História na Universidade).

<sup>5</sup> LATOUR, Bruno. *Júbilo ou tormentos do discurso religioso*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, pp. 67-71.

Outros elementos marcantes para além da História Cristã ilustrados no Livro de Horas são os bestiários. Apesar de não estarem presentes nas Iluminuras selecionadas, eles podem ser encontrados nos calendários litúrgicos do Livro datado em 1426-1476, já que a outra obra estudada, o Livro de Horas – Liturgia e ritual [1476-1500], dedica o mínimo espaço para a presença *animália*. Dentre os animais ilustrados encontramos um que possui direta relação com o divino: o Leão (Figura 12). Os leões são considerados os *príncipes de todos animais* e dotados de características agigantadas pela literatura medieval e que eram desejosas das majestades. Entretanto, o leão crístico-rei não fazia menção aos representantes de Deus na Terra, mas sim ao seu filho Jesus Cristo. Outros animais, como os peixes (Figura 13) e as vacas (Figura 14), também são representados.

No decorrer dos capítulos um e dois as preocupações analíticas estão, respectivamente, entorno de uma discussão de cunho teórico, bibliográfico e artístico e sobre o panorama das conjunturas sociais, políticas e até culturais das comunidades medievais europeias. Já o terceiro capítulo é dedicado a analisar mais categoricamente as fontes selecionadas para o presente trabalho, quais sejam, as Iluminuras ilustradas pelo *Maître de Rouen* no século XV que esboçam um momento principal para a História Cristã, qual seja, a anunciação.

As produções iluminadas do século XV que são aqui estudadas não eram encontradas de maneira aleatória e acessível ao público nas ruas das cidades francesas. Em grande maioria, elas estão disponíveis nos Livros de Horas que continham também calendários litúrgicos e outros textos concernentes a Igreja Medieval, bem como a História Cristã. Assim, constituíam verdadeiros instrumentos produzidos, inicialmente, dentro dos monteiros e, de certa maneira, facilitavam os mecanismos didáticos utilizados pela instituição católica nos processos de coerção moral, como também na difusão da palavra divina, seja pelo texto escrito, ou ainda pelo uso de imagens e iconografias.

Devido à dificuldade de acesso aos registros específicos das fontes selecionadas, conseguimos, através das informações disponibilizadas pela Biblioteca Nacional Digital, identificar que tanto os exemplares datados em 1426-1476, quanto em 1476-1500, foram iluminados pelo *Maître de l'Échevinage de Rouen*, conhecido como Mestre Rouen responsável por ilustrar diversos manuscritos para a Biblioteca Nacional de Paris<sup>6</sup>.

Além do ilustrador, os códices iluminados também foram consumidos por um público, prioritariamente, sacerdotal e de docentes universitários até chegarem as posses da Igreja Católica e, por fim, ao domínio da Biblioteca Nacional Digital. Conhecer a trajetória de

---

<sup>6</sup> RABEL, op. Cit., p. 48.



consumo destas produções, revelam que além de serem uma forma de instrumentalização, eram utilizadas também como uma espécie de mercadoria que atraía até os membros da própria instituição medieval.

Não só me interessei por conhecer mais sobre o público que consumia estas produções antes de chegar até a Biblioteca Nacional de Portugal, mas também foi oportuno estudar como estas fontes eram produzidas, desde o uso das cores até os estilos. Ao observarmos as produções imagéticas, em um primeiro momento, as cores se destacam sobre os demais elementos. São tons fortes e marcantes que eram produzidos de maneira natural, usando como fontes principais recursos minerais e também couro de animais<sup>7</sup>. Além do mais, possuíam significados e sentidos ligados ao sobrenatural e ao divino, porque, segundo Eco<sup>8</sup>, a tradição medieval atrela valores negativos e positivos aos elementos que compõe o Universo, e com as cores a situação não era diferente. Um exemplo desses atributos e as suas mudanças de significados foi encontrado pelo autor na cor azul-verde que era desvalorizado por ser considerado uma cor pálida, mas no século XII, o azul se tornou apreciado por filtrar a luz celestial.

Além da análise sobre a estrutura e a produção das Iluminuras, o terceiro capítulo chamado “As diferentes representações da anunciação: os tons, os sentidos e o divino em questão” também foi uma oportunidade de analisar uma das principais passagens da vinda de Cristo: a anunciação. A vinda e a visita do anjo Gabriel a virgem prometida em casamento, a bem-aventurada Maria, traz a manifestação da tríade em suas três pessoas, quais sejam, o Pai, o Filho e o Espírito Santo tanto na Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel – ao exterior sobre o pecado original (Adão e Eva) (Figura 17), quanto na Anunciação de Nossa Senhora (Figura 28). As produções iluminadas também são oportunas por tornar o invisível presente, como é o caso da Figura 28, já que Deus pai não parece ilustrado como apareceu em outra oportunidade. Uma possível justificativa para isso está na doutrina do joaquinismo, que segundo Le Goff<sup>9</sup>, mesmo Deus sendo o regente superior, ele poderia se manifestar nas outras duas pessoas, como o Filho Jesus ou o Espírito Santo.

Nesse sentido, escrever os três capítulos que aqui seguem foi propício para analisar e promover uma discussão de cunho artístico, histórico e científico através da leitura e do estudo

---

<sup>7</sup> VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 20, núm. 3, 2016, p.137.

<sup>8</sup> ECO, Humberto. “Capítulo III: A luz e a cor na Idade Média”. In: *História da beleza*, Rio de Janeiro: Record, 2004, tradução Eliana Aguiar, pp. 121-124.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. Capítulo 2: Duas figuras maiores, o Espírito Santo e a Virgem Maria. In: *O Deus da Idade Média*, Jacques Le Goff: conversas com Jean-Luc Pouchier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 49-50.

das Iluminuras ilustradas pelo *Maître de Rouen*. Além do mais, o presente trabalho ao se propor estudar as manifestações da Santíssima Trindade em um momento de angústia, dor e sofrimento para as comunidades medievais, trouxe à tona um dos caracteres da Religião da Palavra: a relação com os sentimentos e as sensibilidades humanas. A Igreja Medieval soube muito bem articular seus interesses com as necessidades dos seus fiéis devotos. Mas isso não significa dizer que se despiu de toda razão e o valor do conhecimento, pelo contrário, foi justamente no efervescer da peste bubônica que os hospitais e as universidades surgiram de dentro das instituições católicas para as cidades medievais.

## 1. HISTÓRIA, IMAGEM E RELIGIÃO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

O capítulo será, em sua maior parte, destinado às reflexões de cunho teórico, mas não exclusivamente. Por isso, será um capítulo dedicado à análise teórica e menção às fontes, visando promover um debate historiográfico em torno dos conceitos de Imagem e Iconografia, bem como sobre a História Cristã, buscando compreender, então, as dinâmicas políticas e de poder envolvidas em torno das produções imagéticas. Para tanto, será necessário recorrer aos campos da História dos Conceitos e também das Mentalidades para uma análise plural e dinâmica. Além disso, não é possível deixar de fora a área da História e Religião, para que possamos compreender as tensões e a própria trama da vida do *verbo encarnado* e como estes aspectos são representados nas produções imagéticas em questão, quais sejam, as Iluminuras Medievais contidas nos Livros de Horas do século XV.

As produções iluminadas do século XV que serão aqui estudadas não eram encontradas de maneira aleatória e acessível ao público nas ruas das cidades de Portugal. Em grande maioria, elas estão disponíveis nos Livros de Horas<sup>10</sup> que continham também calendários litúrgicos e outros textos concernentes a Igreja Medieval, bem como a História Cristã. Assim, selecionamos para o presente trabalho um conjunto de Iluminuras disponibilizadas na plataforma eletrônica da Biblioteca Nacional de Portugal. Os exemplares coletados são datados em 1426-1476 e em

---

<sup>10</sup> Os Livros de Horas podem ser definidos como livros de orações, por isso, eram compostos não só de Iluminuras que ilustravam a vida e morte de Jesus Cristo, mas também de hinos, salmos e cânticos espirituais retirados da Bíblia e que eram adorados ao decorrer do dia. Eram utilizados também como instrumento de práticas religiosas e de meditações individuais. Ver em: SOUZA, Maria Izabel Escano Duarte De. O Livro De Horas 50,1,16 da Biblioteca Nacional Do Rio De Janeiro. In: *Contra os preconceitos: História e Democracia*. XXIX Simpósio Nacional de História. 2017, Brasília, Unb. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501875500\\_ARQUIVO\\_MARIAIZABELE.D.DESOUZA.OLIVRODEHORAS50.1.16DABIBLIOTECANACIONALDORIODEJANEIRONOVO.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501875500_ARQUIVO_MARIAIZABELE.D.DESOUZA.OLIVRODEHORAS50.1.16DABIBLIOTECANACIONALDORIODEJANEIRONOVO.pdf). Acesso em: 03/11/2021.

1426-1500, e foram iluminados, segundo informações disponibilizadas no arquivo, pelo *Maître de l'Échevinage de Rouen* conhecido como mestre Rouen responsável por ilustrar diversos manuscritos para a Biblioteca Nacional de Paris<sup>11</sup>.

Antes de adentrarmos na discussão teórica, precisamos conhecer preliminarmente os principais aspectos físicos e estruturais que compõem os códices iluminados. As Iluminuras, como define Souza<sup>12</sup>, advém do termo latim *illuminatio*, que significa *trazer a luz*, ou seja, estes códices fazem referência aos manuscritos contidos, principalmente, nos Livros de Horas e que, geralmente, eram talhados a ouro. Precisamos lembrar, então, que estas produções não eram soltas, muito menos, distribuídas como folhetins às comunidades, elas estavam presentes em uma categoria específica de produções.

Além disso, como estamos nos referindo ao século XV é necessário levar em consideração que a maioria da população não era alfabetizada, e mais, como ainda alerta Souza<sup>13</sup>, as produções escritas eram restritas a uma camada elitizada da sociedade, em grande parte, por membros do sacerdócio e também da nobreza medieval letrada. Isso é um fato curioso e nos permite questionar: por que então incluir estes manuscritos iluminados nos Livros de Horas?

Para responder a indagação acima, recorreremos aos pensadores da História dos Conceitos e das Mentalidades, uma vez que não podemos ignorar a relação entre esses campos de saberes ao da História e Imagem. Como nos adverte Koselleck<sup>14</sup>, os conceitos são diferentes das palavras, uma vez que, para a formação e definição de um conceito, principalmente histórico, é necessário o exercício de cunho teórico e reflexivo, sobre as dinâmicas ali envolvidas, respeitando também as limitações que os sentidos por nós selecionados exigem. Assim sendo, por exemplo, o próprio significado da palavra e da imagem pode ser construído, como afirma Koselleck<sup>15</sup>, através do trabalho com as fontes.

O fenômeno explicitado acima não deixaria de nos dizer respeito também, uma vez que, não poderemos pensar os sentidos de Imagem e Iconografia desconectados desta mentalidade imersa na cristandade. Não é possível também deixar de lado as considerações sobre o imaginário religioso na transição do medievo para modernidade que, de acordo com Weber<sup>16</sup>,

---

<sup>11</sup> RABEL, op. Cit., p. 48.

<sup>12</sup> SOUZA, Patrícia Marques de. *Illuminatio et meditation: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, nº 21, jun/2017, p.10.

<sup>13</sup> SOUZA, Patrícia Marques de. *Illuminatio et meditation: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, nº 21, jun/2017, p. 6.

<sup>14</sup> KOSELLEK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 135.

<sup>15</sup> Ibid. p. 136.

<sup>16</sup> WEBER, M. A ciência como vocação: In: *Ensaio de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 165.

foi um processo marcado pelo desencantamento do mundo e dos sujeitos sobre os costumes e poderes mágicos substituídos, desde então, pelos meios técnicos e os cálculos na busca do domínio dos espíritos.

Assim sendo, recorro ao filósofo e teórico político irlandês, Burke<sup>17</sup> buscando esmiuçar não só os possíveis sentidos para os conceitos de Imagem e Religião, mas também as possíveis relações com as dinâmicas de poder e política que estão intrínsecas às produções imagéticas. Nesse sentido, apesar das imagens serem destinadas a uma comunicação, como afirma Burke<sup>18</sup>, quando são produzidas não estão voltadas para uma análise do futuro pela comunidade de historiadores, mas sim para atender os anseios daquela sociedade medieval, em específico, o caso de Portugal. Apenas a partir do momento em que os campos das humanidades se interessam por estudá-las, elas se transformam em iconografias, uma reflexão ainda a ser elaborada no decorrer deste trabalho.

Assim sendo, é preciso levar em consideração que o imaginário desta sociedade foi construído em torno da preocupação com a morte e o morrer, e, além do mais, com os desfrutes e as condenações que o além poderia guardar a cada pessoa. Percorrendo este raciocínio, é possível perceber que as produções imagéticas poderiam gerar nestas comunidades uma espécie de conforto através do que Souza<sup>19</sup> chamou de luminosidade de Cristo. A autora ainda acrescenta, com base nos teólogos preocupados com esta metafísica da luz, que a sensibilidade do fiel, mesmo sendo ele laico, seria aguçada através do conteúdo artístico e reforçada pelas palavras.

Nesse sentido, como afirmado anteriormente, este capítulo será destinado a interpelar nosso objeto sob uma perspectiva teórica, para que seja possível construir os alicerces de uma análise plural e dinâmica. Entretanto, devido à extensão da temática, o trabalho de interdisciplinaridade é indispensável, uma vez que exige um diálogo constante com outros campos das humanidades, como a Filosofia, bem como com as Artes. No mais, é necessário compreender também a própria História Cristã para apreender a organização sociocultural das comunidades medievais a partir destas produções imagéticas.

---

<sup>17</sup> BURKE, Peter. “Capítulo 2- Iconografia e iconologia”. In: *Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

<sup>18</sup> BURKE, Peter. “Capítulo 2- Iconografia e iconologia”. In: *Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017, p. 43.

<sup>19</sup> SOUZA, Patrícia Marques de. *Illuminatio et meditation: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, nº 21, jun/2017, p. 10.

## 1.1 Por uma História dos Conceitos: pensando as definições de Imagem e de Iconografia

A História dos Conceitos, em conformidade com Koselleck<sup>20</sup>, é um campo de saber que pode ser pensado através da preocupação metodológica, em que, diferenças e semelhanças estão em constante diálogo. Para entendermos melhor este campo de produções, Koselleck compara o trabalho da comunidade de historiadores ao de os fotógrafos. Nesse sentido, assim como o fotógrafo necessita de alterar a distância focal e a lente de observação conforme o objeto, os historiadores e as historiadoras também alteram suas metodologias de análise, mas, ainda assim, o objeto de estudo permanece o mesmo, sem deixar de respeitar também seus limites e fronteiras.

Poder-se-ia aclarar esta discussão através da utilização da metáfora do fotógrafo. Para tirar uma fotografia posso ajustar minha máquina de acordo com a distância do objeto a ser fotografado: a perspectiva (se de mais perto ou de mais longe) vai me obrigar um foco diferente. Assim, tanto poderei proceder à análise dos conceitos a partir de um método que privilegiará textos comparáveis, quanto poderei proceder metodologicamente expandindo minha análise ao conjunto da língua. Entre esses dois procedimentos haveria ainda formas intermediárias. O objeto se mantém o mesmo, e o que se altera é apenas a perspectiva em relação a ele.<sup>21</sup>

No Brasil, a História dos Conceitos vem ganhando espaço desde meados de 1990 inspirada na perspectiva de análise ofertada por Koselleck. Com isso, afirma Roiz<sup>22</sup>, podemos encontrar os primeiros trabalhos nesta área de estudo como é o caso do resultado da pesquisa empreendida por Marcelo Jasmin e João Feres Júnior sobre o mundo ibero-americano, e, mais especificamente, sobre as nações do Brasil, Portugal e Espanha<sup>23</sup>.

Assim como os autores, para definirmos os conceitos relacionados às Iluminuras, por exemplo Imagem, Representação e Iconologia, dialogaremos tanto com a historiografia alemã dos conceitos, quanto com tendências historiográficas concernentes a História Medieval e também sobre Portugal. Estes tratamentos metodológicos se dão em razão da preocupação em ofertar uma definição sócio-política, sem deixar de lado a pluralidade própria de cada conceito.

---

<sup>20</sup> KOSELLEK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 136.

<sup>21</sup> KOSELLEK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, pp. 137-138.

<sup>22</sup> ROIZ, Diogo da Silva. A história dos conceitos no Brasil: problemas, abordagens e discussões. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 15, n. 34, p. 279-285, 10 jul. 2015.

<sup>23</sup> Ver em FERES JÚNIOR, João. (org.) *Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil*. Belo horizonte, MG: EDUFMG, 2009. 249p.

As Iluminuras além de serem códices iluminados, correspondem à palavra latina *illuminatio* que significa *iluminar, trazer a luz*<sup>24</sup>. Nesse sentido, as Iluminuras contidas nos Livros de Horas eram talhadas a ouro, e mais, buscavam trazer um valor simbólico para além dos ornamentos materiais. É justamente por isso que o conceito de Iluminura nos conduz a outros dois principais relacionados às figuras e também ao valor social-político das produções, quais sejam, Imagens e Iconografia.

As Imagens, assim como define Silva<sup>25</sup>, são representações das ideias, dos sentimentos e das características inerentes de uma sociedade em determinada época. Entretanto, a historiografia, durante muito tempo, a concebeu apenas como representação e ilustração, sem agregar um valor documental. Apenas a partir da ampliação das noções de documentos com a Escola dos *Analles*, em sua terceira geração, que as Imagens se tornaram fonte de estudo, e além disso, a ideia de Iconografia também emergiu e ganhou espaço na área das mentalidades e do social.

Assim sendo, imagens e iconografias não são conceitos totalmente desligados um do outro. A História Cultural foi a responsável por agregar valor de fonte e documento para ambas as produções. Enquanto as imagens correspondem tanto aos padrões estéticos pré-definidos pela História da Arte, quanto aos utensílios domésticos<sup>26</sup> as iconografias são as nossas interpretações das mensagens comunicadas através das imagens<sup>27</sup>.

É importante lembrar, como alerta Burke<sup>28</sup>, que os “iconografistas”, ou seja, os historiadores da arte, definem que as imagens e pinturas, de modo geral, não são feitas simplesmente para serem observadas. Na verdade, elas são para serem “lidas”, uma vez que, demanda um maior tempo, se comparada apenas ao olhar passageiro, similar ao de mera curiosidade.

Apesar de fornecer um método de leitura das imagens, a iconografia ainda é muito criticada, porque, segundo os apontamentos críticos, não se preocupa com a dimensão social, ou ainda o contexto espaço-temporal em que as produções estão inseridas<sup>29</sup>. Nesse sentido, a

---

<sup>24</sup> SOUZA, Patrícia Marques de. *Illuminatio et meditation: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, nº 21, jun/2017, p. 10.

<sup>25</sup> SILVA, Kalina Vanderlei. Verbete “Iconografia”. In: *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 198.

<sup>26</sup> *Ibid.* p. 199.

<sup>27</sup> BURKE, Peter. “Capítulo 2- Iconografia e iconologia”. In: *Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017, p. 43.

<sup>28</sup> *Ibid.* p. 44.

<sup>29</sup> *Ibid.* p. 50.

proposição de leitura das iconografias, mesmo sendo interessante, nos conduz a uma leitura positivista, logo hegemônica, que não condiz com a realidade.

Ainda segundo Burke<sup>30</sup>, os métodos desenvolvidos pela História da Arte, durante as décadas de 1920 e 1930, podem parecer vagos ou até incoerentes. Diante destes impasses, então, qual método de análise devemos escolher para oferecer um tratamento preocupado tanto com a leitura da imagem, quanto com o contexto social em que ela está inserida? Para solucionar estes impasses, o autor propõe, nas conclusões gerais, que a comunidade de historiadores não abandone completamente os recursos propostos pela Iconografia, entretanto, nós precisamos ir além da mera instrumentalização da análise.

Trazendo a proposição de Burke para nosso objeto de análise, podemos observar que a relação entre os elementos que compõe a História da Cristandade e as construções imagéticas são potenciais reveladores sobre as experiências dos fiéis e até da comunidade pagã com o sagrado<sup>31</sup>, temos como exemplo a cartografia de Céu e Inferno. Se de um lado, o ser diabólico habita o ambiente horripilante e quente do Inferno, de outro, estaria a Santíssima Trindade nos céus, lugar calmo onde repousam as boas almas.

Um outro exemplo de outra figura celestial são os anjos, a principal companhia das criaturas medievais. Considerados como “seres intermediários”, a natureza angélica, conforme a proposição de Santo Agostinho<sup>32</sup>, é de servidores dos céus responsáveis por regirem todo o Universo e transmitirem a vontade de Deus. Geralmente são representados com grandes asas e de cabelos loiros e encaracolados – localizado ao alto da Iluminura carregando uma mensagem em suas mãos. No caso do Anjo Gabriel, por exemplo, ele é o anunciador das boas novas e em uma de suas aparições transmitiu a mensagem da escolha de Maria, a “predileta do Pai”, como a responsável por prover o *verbo encarnado*, Jesus Cristo (Figura 1).

---

<sup>30</sup> Ibid. p. 52.

<sup>31</sup> BURKE, Peter. “Capítulo 2- Iconografia e iconologia”. In: *Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017, p. 57.

<sup>32</sup> FAURE, Phillipe. Verbete “Anjos”. In: *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, p. 82.



**Figura 1: A anunciação do Anjo Gabriel**  
**Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal**

Assim, ao afirmar que os anjos e os seres humanos são seres inteligentes criados a imagem e semelhança de Deus<sup>33</sup>, Santo Agostinho contribuiu para que a própria noção de imagem seja um reforço da palavra falada. Nesse sentido, a partir do momento em que homens e anjos são semelhantes a imagem do criador, o efeito moral e de doutrinação dos comportamentos são criados através da difusão das iconografias iluminadas. Não podemos esquecer que as comunidades medievais estavam imersas nos domínios da cristandade e os efeitos coercitivos eram expressos das mais diversas maneiras, desde o controle das produções até mesmo o próprio Sistema Inquisitório.

O efeito de doutrinação das imagens até dentro das Igrejas é confirmado pelo próprio Papa Gregório que chegou a afirmar: “Pinturas são colocadas nas igrejas para que os que não leem livros possam ‘ler’ olhando as paredes”<sup>34</sup>. Nesta passagem podemos observar mais um

<sup>33</sup> FAURE, 2017, loc. cit.

<sup>34</sup> DUGAN, 1998, pp. 115-190 apud BURKE, Peter. “Capítulo 3 – O Sagrado e o Sobrenatural”. In: *Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017, p. 59.



elemento que interage com as imagens e as produções religiosas: o analfabetismo. A produção dos livros de manuscritos iluminados e o domínio da leitura era restrita principalmente aos membros da Igreja e aos nobres.

Assim, durante a Idade Média dificilmente as pessoas mais pobres teriam acesso à educação e aos processos de alfabetização. Por isso, a popularização das produções iluminadas seria uma estratégia da instituição católica-medieval para conquistar mais fiéis que poderiam facilmente ler as imagens. Além disso, conforme Souza<sup>35</sup>, a popularização entre os leigos também proporcionou a apropriação de práticas espirituais que, até então, eram exclusivas das Igrejas Católicas medievais e dos párocos.

A popularização da doutrina cristã entre as comunidades medievais foi facilitada, principalmente, pela leitura das representações de as figuras religiosas, dentre elas a própria Santíssima Trindade. O conceito de Representação e o próprio sentido de leitura de imagens ainda despertam discussões bastante interessantes e calorosas. Para Guinzburg<sup>36</sup>, por exemplo, a representação está relacionada ao próprio sentido da imagem que, sintetizado por Makowiecky<sup>37</sup>, evoca ao mesmo tempo a presença e a substituição de algo inexistente. O autor medievalista Le Goff<sup>38</sup> afirma também que as imagens e os discursos são manifestações do campo imaginário das representações.

O conceito de representação perpassa não apenas as Ciências Humanas, mas também a área das Artes Visuais. Gombrich, famoso historiador da arte, contribuiu, mesmo não sendo modernista, para a construção e a definição deste conceito amplamente discutido. Para tanto, recorreu a reflexão sobre o imaginário coletivo a partir do contato entre o observador e a produção artística observada. Assim sendo, o historiador concluiu que as imagens estão conjuradas com as convenções e a mente de quem as observa, ou seja, possuem uma relação intrínseca com o imaginário dos sujeitos de das comunidades.

Decifrar a pintura do artista é mobilizar nossas memórias e nossa experiência do mundo visível e testar a imagem produzida pelos artistas através de projeções e tentativas. Para decifrar o mundo visível como arte, diz, temos que fazer o contrário: mobilizar nossas memórias e nossa experiência das pinturas vistas e testar o motivo outra vez, projetando-as experimentalmente contra o panorama emoldurado.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> SOUZA, Patrícia Marques de. *Illuminatio et meditation: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, nº 21, jun/2017, pp. 09-10.

<sup>36</sup> Ver em GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>37</sup> MAKOWIECKY, Sandra. *Representação: a palavra, a ideia, a coisa*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. N.57, dez./2003, p. 3.

<sup>38</sup> MAKOWIECKY, Sandra. *Representação: a palavra, a ideia, a coisa*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. N.57, dez./2003, p. 4.

<sup>39</sup> Ibid. p. 9.

Nesse sentido, considerando que as comunidades medievais estavam imersas nos dogmas da Igreja Medieval, desde a organização do próprio tempo até a concepção cartográfica do além, o processo de leitura das produções iluminadas também seria intensamente influenciado por este imaginário. Um exemplo deste fenômeno pode ser observado na própria representação dos anjos (Figura 1) ilustrado com grandes asas brancas e cabelos loiros encaracolados, e ornado com vestes tão claras que fazem alusão a luminosidade emitida com intensidade por figuras relacionadas ao céu ou aos enviados como mensageiros da Tríade.

Além da experiência com o mundo visível, devotos e pagãos são conduzidos a rememorem as principais passagens de Cristo durante sua encarnação. Por isso, a História do *Verbo encarnado* – nascimento, morte e ressurreição - é contada nas Iluminuras através da representação de cenários que o destacam como elemento principal no meio de outras figuras religiosas, como é o caso de Maria Santíssima, e também entre seus iguais e semelhantes, quais sejam, a população camponesa dos feudos. (Figura 3).

Além da essência do imaginário e da instrução, as produções iconográficas medievais também estavam relacionadas aos sentimentos das criaturas. As comunidades medievais, em conformidade com Elias<sup>40</sup>, estavam cercadas pelo medo da morte e com a preocupação sobre o destino de suas almas, se iriam ou para o Céu, ou para o Inferno. Além do medo, a dor<sup>41</sup> também marcava presença, já que Cristo, o próprio *verbo encarnado*, sofreu os tormentos da crucificação. Outro sentimento que também se faz presente é a confiança, tanto que as imagens e os ícones se tornaram objetos de culto e devoção aos milagres alcançados.<sup>42</sup>

Neste sentido, podemos perceber que as imagens e as iconografias estão diretamente relacionadas ao contexto espaço-temporal em que foram produzidas, e, apesar de não serem meras representações, também não são completamente desassociadas destas manifestações do campo do imaginário. Assim, as Iluminuras contidas nos Livros de Horas dialogam diretamente com a comunidade medieval, uma vez que são produzidas buscando atender um público cada vez mais amplo e que, até então, não teve acesso aos processos de alfabetização. E mais, se relacionam ao aspecto mais intrínseco das pessoas que são os sentimentos. A próxima seção será destinada a refletir sobre o papel da historiografia das mentalidades e em que medida as produções iluminadas exerciam poder sobre as criaturas e legitimavam a palavra divina.

---

<sup>40</sup> ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001, p. 10.

<sup>41</sup> BURKE, Peter. “Capítulo 2- Iconografia e iconologia”. In: *Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017, p. 60.

<sup>42</sup> Ibid. p. 62.

## 1.2. Nova História: apontamentos e possibilidades

A História das Mentalidades, em conformidade com Vainfas<sup>43</sup>, foi uma empreitada silenciosa iniciada por Le Goff, em meados da década de 1956. Enquanto Braudel, na segunda geração dos *Annales*, trouxe uma proposição historiográfica sobre a longa duração marcada por dois *secretos harmônicos*, quais sejam, a perspectiva marxista e o estruturalismo de Lévi-Strauss, a leitura pós-braudeliana é relativamente inovadora.<sup>44</sup> E como principal nome desta Nova História encontramos o historiador e medievalista Le Goff que enfrentou severas críticas dos principais nomes da segunda geração dos *Annales*.

[...] cito como exemplo dos textos bombardeados pela “patrulha ideológica” dos historiadores marxistas, os quais, buscando dissimular a motivação ideológica de suas críticas, diziam ser leais à tradição braudeliana (apesar de Braudel jamais ter sido marxista); alegavam, portanto, que a “terceira geração” dos *Annales*, na qual se insere Le Goff, rompera com a *história totalizante*, preconizada por Bloch e Febvre, e agigantada por Braudel.<sup>45</sup>

Além de Bloch e Febvre, Dosse, em 1987, publicou o texto *História em Migalhas* lastimando as propostas da terceira geração dos *Annales*, tanto sobre a fragmentação, quanto à aproximação com a antropologia. Assim, os apontamentos críticos à Nova História advêm, principalmente, das bases do dogmatismo marxista que é contrário as ideias das *mentalidades*, bem como a estrutura *reacionária* que não denuncia as expropriações capitalistas.<sup>46</sup> Em seu artigo, Vainfas<sup>47</sup> esclarece que este embate entre gerações é fruto muito mais de uma disputa ideológica, do que historiográfica, uma vez que, muitos dos pesquisadores que pertenciam à segunda geração dos *Annales* migraram para a Nova História, e mais abandonaram até o Partido Comunista Francês.

Além disso, Le Goff em outra obra, intitulada a *Nova História*, traz os principais elementos que compõem e configuram as proposições das mentalidades, e com isso, as acusações de fragmentação e afastamento da História Social francesa caíram por terra.

Em outras palavras, seria a partir do contato com a Sociologia e a Antropologia, em especial, que a História Política encontraria os arcabouços teóricos necessários para

<sup>43</sup> VAINFAS, Ronaldo. Triunfo da obra: Le Goff entre as mentalidades, a memória e a história. *Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 16, n. 2, 2016.

<sup>44</sup> BARROS, José D' Assunção. Fernand Braudel e Geração dos *Annales*. *Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012*, p. 04.

<sup>45</sup> *Ibid.* p. 77.

<sup>46</sup> *Ibid.* p. 78.

<sup>47</sup> VAINFAS, Ronaldo. Triunfo da obra: Le Goff entre as mentalidades, a memória e a história. *Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 16, n. 2, 2016.

assentar novas abordagens e modelos teóricos, podendo retornar assim com uma faceta renovada e assentida aos domínios da História.<sup>48</sup>

Além da proposição da interdisciplinaridade entre os vários campos de estudo das humanidades, dentre eles a Sociologia e a Antropologia, a História das Mentalidades, segundo Vainfas, está pautada em três princípios básicos. O primeiro deles é a diluição das diferenças inerentes à estratificação social, ou seja, as pessoas pertencentes a determinado período histórico possuem semelhanças intelectuais com os outros indivíduos de seu tempo. Já o segundo princípio faz referência às crenças e atitudes que, segundo Le Goff, devem receber um tratamento coletivo e voltado também a pesquisa arqueopsicológica. O terceiro e último diz respeito ao tempo histórico, mais especificamente, ao tempo da longa duração proposto por Braudel.<sup>49</sup>

Nesse sentido, é possível perceber, em conformidade com Vainfas<sup>50</sup> que o conceito de mentalidades transita entre os ambíguos,

Oscila entre o indivíduo e o coletivo; entre as classes sociais e a sociedade, em geral; entre o racional e o irracional; entre a consciência social e o inconsciente coletivo; entre o tempo histórico da mudança e o tempo antropológico do mito; entre rupturas e continuidades. Tal ambiguidade foi o bastante para que muitos condenassem o conceito e, de quebra, a bibliografia de fôlego produzida pelos novos historiadores.

Assim, como as proposições da Nova História, o Medieval também transita entre ambiguidades, podemos observar este fenômeno em um dos principais intelectuais do período, qual seja, Santo Agostinho. Um homem e um fiel da Igreja Medieval esteve dividido durante sua vida entre as vicissitudes da carne e os deleites da alma. Além do mais, definiu a própria alma como uma *moeda de duas faces* por ser formada de um lado pelo ente espiritual, e do outro lado, o ente físico, corpóreo. Não só em Santo Agostinho encontramos a dualidade medievalesca, mas também na própria cartografia celestial que por muito tempo foi formada pelo sistema binário de Paraíso e de Inferno, até a ascensão e o surgimento do Purgatório, espaço intermediário considerado como uma alternativa para os “marginalizados”<sup>51</sup> – dentre eles os usurários.

As contribuições de Le Goff vão além dos estudos historiográficos da Idade Média, o historiador e medievalista ofertou também uma potencial ferramenta de análise para o período

---

<sup>48</sup> PRATA, Rafael Costa. Nova História Política e a Idade Média: diálogos, caminhos traçados e possibilidades de estudo da esfera do Poder. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 33, p. 76-89, 17 mar. 2019.

<sup>49</sup> VAINFAS, Ronaldo. Triunfo da obra: Le Goff entre as mentalidades, a memória e a história. *Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 16, n. 2, 2016, p. 82.

<sup>50</sup> *Ibid.* p. 83.

<sup>51</sup> Sobre o conceito de “marginalizado” ver em LE GOFF, J. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Ed. Setenta, 1990, p. 170.

estudado no presente trabalho, através das proposições da História das Mentalidades. As comunidades medievais estavam imersas em um imaginário predominantemente católico-cristão em que desde as atividades domésticas, até as ações cotidianas eram regidas pela égide da Igreja Medieval. E mais, o controle das ações dos fiéis não findaram em vida, mas a morte também era um assunto que gerava sentimentos de preocupação e medo, já que ela estava constantemente diante de seus olhos.<sup>52</sup>

Entretanto, buscando acalmar os ânimos no *post-mortem*, a doutrina do Purgatório surge como um verdadeiro alívio para aqueles que não estavam preparados para navegar no batel divinal. Assim, entre os séculos XII e XIII, a invenção deste *terceiro lugar* pela Igreja Medieval, conforme Vainfas<sup>53</sup>, é um meio para que os cristãos do ocidente repousassem em um inferno mais brando até que, através de sufrágios e orações, pudessem alcançar o tão almejado Paraíso, ou fossem condenados a eternidade do Inferno ardente.

Ademais da cartografia do Além, os fiéis do Ocidente medieval poderiam encontrar o conforto tão esperado através de orações ofertadas a Santíssima Trindade, representada pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo e definida por Santo Agostinho como “a própria mente e o seu conhecimento, que é sua descendência e sua palavra, de si gerada, e, como terceiro, o amor, e estas três coisas são uma só coisa e uma só substância. ”.<sup>54</sup> A unificação da mente, do conhecimento e do amor na Santíssima Trindade revelam que a tentativa de conciliação entre Fé e Razão não era exclusiva de Santo Agostinho, mas também da própria Igreja Medieval.

A Igreja Medieval além de definir os ordenamentos morais dos fiéis, também controlava as ações dentro dos mosteiros. Eram nestes ambientes que, ainda no século XII, os Livros de Horas eram produzidos e copiados pelos monges que viviam enclausurados dentro de bibliotecas. Em conformidade com Souza<sup>55</sup>, o cristianismo é a religião das palavras e das imagens, e disseminou suas raízes desde antes do medievo, precisamos lembrar de que esta doutrina esteve presente até nas comunidades antigas, como em Roma.

Com isso, podemos perceber que o assunto aqui abordado, de certa maneira, está voltado para a longa duração, proposta na Nova História, já que no transcender de um século muitos fenômenos podem ser observados. Além do mais, o coletivo medievo estava imerso nas égides do catolicismo, entretanto, isso não significa dizer que esta sociedade estava desvinculada do

---

<sup>52</sup> ELIAS, 2001, loc. cit.

<sup>53</sup> VAINFAS, Ronaldo. Triunfo da obra: Le Goff entre as mentalidades, a memória e a história. *Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 16, n. 2, 2016, p. 85.

<sup>54</sup> SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate / Trindade*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2007, p. 61.

<sup>55</sup> SOUZA, Patrícia Marques de. *Illuminatio et meditatio: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, nº 21, jun/2017, p. 02.

conhecimento e da produção científica. Agindo como tal, estaríamos reproduzindo os discursos de trevosidade amplamente divulgado pela historiografia moderna. Não podemos esquecer também, do alvorecer do século XV, que as primeiras universidades começaram a emergir nas comunidades europeias, e mais, que as preocupações com o ensino surgem dentro das próprias instituições religiosas.

Entretanto, como uma das proposições básicas da História das Mentalidades, os princípios da Educação na Idade Média não estavam desvinculados do seu contexto social, qual seja imbricado aos ordenamentos da Igreja Medieval. E mais, eram restritos aos membros da elite europeia, quando se interessavam por conhecer ou empreitarem em uma carreira de médico ou jurista, por exemplo, já que, nos primórdios, o conhecimento não era valorizado entre a nobreza. No entanto, a partir do momento em que os estudos passaram a ser também considerados um símbolo de status e relevância social, a situação se inverteu.

Ao agregarem valor ao conhecimento e as produções escritas, os Livros ganharam espaço especial dentro das comunidades europeias. Este fenômeno também é uma influência da Igreja Medieval, já que, Jesus Cristo é o *verbo encarnado* e a Santíssima Trindade é a *própria mente*. Mais uma vez, conhecimento e religião estão imbricados em uma sociedade marcadamente branca, europeia e católica. Além disso, como alerta Souza, não só o ato de ler iconografias, mas também o de escrever manuscritos pode ser considerado um ato de devoção daqueles que almejam descansar sob a brisa leve do Paraíso.<sup>56</sup>

Com isso, é possível perceber que a tríade entre política, religião e poder caracterizam a Igreja Medieval e o imaginário das comunidades medievais, sejam devotas ou pagãs. Assim, a escolha de Livros de Horas para suportarem os códices iluminados não foi aleatória, muito pelo contrário. Se em meados do século XII, estes livros atendiam ao público elitizado, no transcender do século XV já estavam disponíveis, mesmo que de segunda ordem, o acesso para a comunidade de leigos.

Além disso, como a domesticação das ações diárias, a Igreja Medieval destrinchava também o seu poder coercitivo sobre as Iluminuras. Por isso mesmo, os Livros deviam ser ornados com pedras preciosas, como ouro e até marfim, e mais, deveriam ser considerados verdadeiros tesouros por portarem a Palavra Sagrada.

É interessante perceber que a doutrina católica-cristã difundia a valorização de bens materiais e físicos em nome de Cristo, o filho de Deus, que nasceu em uma manjedoura. Quais valores terrenos a Igreja Medieval compartilhava com Jesus Cristo? O que podemos dizer é que

---

<sup>56</sup> Ibid. p. 04.

a humildade não era um deles, já que a moral católica estava muito mais preocupada com o físico do que com o espiritual.

Nesse sentido, a próxima seção será destinada a refletir sobre os principais ensinamentos e princípios da História Cristã. Com isso, nosso olhar deverá estar voltado para as principais passagens do *verbo encarnado*, como o nascimento e a ressurreição, bem como as Iluminuras representavam e adornavam estes momentos. As mensagens transmitidas e os sentimentos aflorados através destes códices iluminados não podem também ser deixadas de lado.

### **1.3. A História Cristã nas representações imagéticas**

A difusão do cristianismo se dá na transição entre a Antiguidade e a Idade Média, tanto que o principal teórico e pensador desta doutrina, Santo Agostino, é fruto também destes mesmos imaginários. Assim sendo, a História Cristã é cercada de influência da cultura clássica, além do mais, de certa maneira, foi influenciada por outras matrizes religiosas, inclusive, com quem traçou um extenso conflito aberto. Entretanto, a História Cristã faz referência não apenas as passagens do *filho de Deus* pelo plano terreno, mas também como as comunidades humanas se apropriaram e apropriam dos principais momentos e ensinamentos transmitidos por Jesus Cristo e a manifestação da Santíssima Trindade.

Enquanto os ensinamentos doutrinários da Igreja Medieval, moralidade e comportamentos dos fiéis ganharam destaque, enquanto, o *verbo encarnado* estivera interessado em como a sua comunidade de discípulos receberia os seus ensinamentos, como o amor e a humildade. No entanto, a vinda de Cristo não se resumiu apenas a um momento, pelo contrário, podemos reconhecer quatro principais momentos da passagem de Jesus pela terra, são eles: a anunciação, o nascimento, a crucificação e a ressurreição. E conforme as escrituras bíblicas, principal fonte escrita traduzida para vários idiomas, a comunidade de fiéis recebia as palavras e podia expressar o seu entendimento, seja através da emoção, ou ainda do reconhecimento.

As comunidades medievais, em específico, devido à restrição da educação e das práticas de leitura recorriam a estes ensinamentos através de outras formas, como a leitura de iconografias. Uma destas iconografias eram as Iluminuras que começaram a ser difundidas a partir da centúria de XII. Estes códices iluminados ornados de cores e até ouro, eram uma forma de ensinamento para aqueles que não teriam acesso as passagens e as mensagens deixadas por Jesus Cristo. Assim, diversas passagens do *verbo encarnado* podem ser encontradas nestas

fontes históricas e, mais, a repetição destes momentos também é frequente, mas confeccionadas com ornamentos diferentes, como é o caso do nascimento do Menino Jesus.



Figura 2: Nascimento do Menino Jesus  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal



Figura 3: O nascimento de Cristo  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal





**Figura 4: Detalhe São João, Santa Isabel e São Zacarias ao redor do menino Jesus**  
**Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal**

Foi na manjedoura que o filho de Deus nasceu, com Maria ajoelhada dando graças e louvores aos céus pela promessa do redentor dos homens e da História. Além de *vossa e nossa mãe*, é cercado também de três anjos, ainda pequenos, São João, Santa Isabel e São Zacarias (Figura 4). O nascimento do menino Jesus é comemorado durante as festividades natalinas pelos cristãos, durante o mês de dezembro, porque o *verbo encarnado*, o *único*, o *altíssimo* se tornou carne, se tornou homem para livrar a humanidade das tormentas. Entretanto, como adverte Ponnau,

O menino que os cristãos adoram em um presépio é Totalmente Outro, rebaixado ao mais baixo de sua própria criação carnal, pela carne humana na qual ele se encarna, até a inacessível altura de sua essência. Sim, há razão para ter medo. Para rasgar de pavor as vestes. Ou para dar de ombros. A menos que se ajoelhe.<sup>57</sup>

O ato de ajoelhar, como podemos ver representado nos códices iluminados, consiste em um ato de respeito e admiração. O temor que os fiéis devem sentir do filho de Deus não é de medo, ou de pavor, mas é sim sinônimo de adoração a sua essência que está encarnada e, justamente por isso, deve ser contemplada. Além disso, as orações, em sua maioria, precisam ser feitas também nesta posição em que os joelhos se dobram e as mãos se unem. Este momento de oração e contemplação deve ser realizado com toda atenção, assim, as atividades do cotidiano medieval, como de guarda (Figura 5) e do campo (Figura 6), devem ser cessadas e a concentração do fiel deve estar à disposição do menino Jesus, já que ele está também a nossa disposição.

---

<sup>57</sup> PONNAU, Dominique. Figuras de Deus: a Bíblia na arte. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 89.



**Figura 5: Detalhe guardas observando o nascimento do menino Jesus**

**Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal**



**Figura 6: Detalhe camponês observando o nascimento do menino Jesus**

**Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal**

Desde o nascimento do menino-Deus, as primeiras manifestações da Santíssima Trindade podem ser percebidas. Entretanto, a unidade da tríade não é completamente formada, uma vez que, em certas representações podemos observar o Filho, e em outras apenas o Espírito Santo. A figura do Espírito Santo também é interessante, ora representada em forma de feixe de luz (Figura 3), ora como uma grande pomba branca que bate as suas asas, bem maiores se comparadas as dos Anjos. Além da tríade, as representações iconográficas iluminadas fazem referências também a outras personalidades da tradição cristã, como é o caso de Zacarias, descrito como um sacerdote.

Zacarias foi representado também em pinturas renascentistas do século XVI e reconhecido como sacerdote através do anel da primeira aliança. Entretanto, tanto em “Nascimento de Jesus” (Figura 2), quanto “O nascimento de Cristo” (Figura 3), o sacerdote casado com Isabel é ornado com vestimentas próprias do ofício espiritual, com longas vestes vermelhas adereçadas sobre a cabeça e o corpo. Zacarias, como bem lembra Ponnau, foi agraciado por Deus com a vinda do filho João, nascido de um milagre, já que o pai era estéril e a mãe sangrara durante anos.<sup>58</sup>

É interessante perceber que estes entremeios, como o filho de Zacarias e sua esposa Isabel não aparecem representados nos códices iluminados. Outra personalidade fundamental na anunciação e no nascimento de Cristo também não aparece, onde está José? Justamente o filho de Davi que temeu receber Maria, grávida e ainda virgem, e, por isso, presenciou a manifestação do Anjo do Senhor que em sonho confirmou os desígnios divinos para a Sagrada Família, não aparece no nascimento de quem o chamou por filho de Deus, Jesus.

Uma possível justificativa para estas lacunas representativas pode ser encontrada no caráter objetivo dos códices iluminados, já que nem todos os fiéis recebiam letramento da

---

<sup>58</sup> Ibid. p. 95.

palavra de Cristo. Assim, a mensagem principal deveria ser capitada logo que o leitor olhasse e contemplasse a imagem, no caso analisado, faz referência ao nascimento de Cristo.

Outro aspecto relevante de ser destacado faz menção as mensagens de texto que acompanhavam estas Iluminuras. As palavras escritas em latim medieval e com uma grafia relativamente difícil de ser compreendida e traduzida para a Língua Portuguesa é um sinal de que, mesmo as iconografias sendo o destaque das produções literárias, a religião da Palavra não deixava de lado sua principal característica. Além do mais, seria também uma maneira de afirmar a acessibilidade dos Livros de Horas como um todo ao público geral, seja ele alfabetizado ou não.

Durante a Idade Média, os papéis das mulheres estiveram sob a égide de uma sociedade marcadamente patriarcal em que seus feitos foram silenciados, principalmente em documentos oficiais. Entretanto, na própria História da tradição cristã encontramos de um lado a Virgem Maria, mãe e protetora como colocado acima, e de outro Eva, responsável por comer a maçã do pecado original. Não podemos esquecer também de Maria Madalena que foi liberta por Jesus Cristo após se arrepender de seus pecados.

Ao passo que os discursos eclesiásticos podem ser caracterizados com relativo teor desqualificativo e ofensivo às mulheres, geralmente descritas como bruxas e pecadoras, estas representações sobre o imaginário social passam por um processo de evolução espiritual quando Maria, a mãe de Deus, é colocada como a Nova Eva. Além do mais, como pontua Le Goff, Eva não foi criada nem da cabeça, muito menos do pé de Adão, ela foi criada da costela de um homem, o que pressupõe um caráter de igualdade entre as criaturas humanas.<sup>59</sup>

Assim, a Nova Eva é tão bela e tão santa. Virgem e prometida em casamento, consagrada como a mãe de Deus e de toda a humanidade por Jesus todo misericordioso durante a crucificação, se pôs a caminho e aceitou as designações do Senhor para a sua vida. Esteve durante todos os momentos da passagem do filho Deus pelo terreno, acompanhando e sofrendo as penúrias junto com o filho amado. Maria, ornada com vestes azuis e um semblante tão límpido e sorridente (Figura 3), também é símbolo de reconhecimento e de empatia pelos fiéis. A figura de mãe e protetora proporciona ao fiel e até a comunidade de não fiéis a sensação de conforto. Quem em um momento de dor e sofrimento não recorre ao colo e ao socorro da mãe, da progenitora?

---

<sup>59</sup> LE GOFF, Jacques, 2008, p. 122 apud SILVA, André Cândido de. “As mulheres na Idade Média: abordagens e representações na Literatura hagiográfica (século XIII). In: Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder, 4, 2014, Jataí, *Anais*, p. 05.

O imaginário medieval encontra-se em constante turbulência, principalmente no que diz respeito a tradição cristã. Se de um lado, a Igreja Medieval esteve preocupada com a acumulação de bens no terreno, tanto que orações e sufrágios eram comercializados em uma espécie primária de moeda de troca dizimal, o filho de Deus nasceu em uma manjedoura (Figura 2). Ainda neste raciocínio, se as mulheres são pecadoras e devem ser condenadas a fogueira da Inquisição, como pode a Igreja Medieval ignorar que a progenitora do redentor da humanidade foi uma mulher?

A História da Cristandade narrada pela Igreja Medieval adota um reportório agressivo e tortuoso que é contrário as proposições do filho de Deus que, em seu cerne, pregou como principais ensinamentos o amor e a humildade. Assim como toda narrativa, a Igreja Medieval, composta por homens, brancos e letrados, também sofre com as inferências sociais e culturais. Se nos códices iluminados os fiéis devem ser instruídos para a conquista do Paraíso e a libertação das aflições terrenas, por trás dos discursos sacerdotais encontramos narrativas que causam verdadeiro horror e medo.

## 2 . DAS ILUMINURAS MEDIEVAIS: CENÁRIOS, CONTEXTOS E TRAMAS

O período da Idade Média<sup>60</sup> foi convenicionado pela historiografia moderna como Idade das Trevas, em decorrência do domínio da Igreja Católica Medieval que teria ocasionado a estagnação do desenvolvimento do científico tão valorizado e defendido no alvorecer do Renascimento. Entretanto, contrariando este movimento, Bloch<sup>61</sup> afirma que, através da descoberta de poemas épicos no território francês, é possível perceber o desenvolvimento cultural já na segunda e primeira idades feudais. Não podemos esquecer também que as primeiras universidades/centros universitários começaram a surgir e se expandirem nas terras europeias durante o período medieval.

Ainda que estes centros de conhecimento se localizassem, segundo Bloch<sup>62</sup>, nas grandes escolas internacionais, mesmo a instrução sofrendo interferências na qualidade, atingiu diversas camadas sociais, inclusive aquelas pagãs. O que parecia até então um bloqueio marcadamente cristão, ultrapassou as barreiras da linguagem erudita e, como no caso do Balduino 11 de Guines, a convivência entre os “iletrados” e os clérigos rendiam conversações, relativamente, eruditas<sup>63</sup>.

Ainda contrariando o movimento renascentista, Amalvi<sup>64</sup> afirma que a Idade Média não existiu e consiste em um conjunto de representações e de imagens que foram amplamente difundidas de geração em geração. Além da ideia de mito, o conceito desvalorizante e negativo sobre Idade Média caracterizaria este período como uma fase intermediária, datada em uma extensão de quase mil anos. A noção de intermediária pode ser justificada como fruto de dois fenômenos principais, quais sejam, o cultural e o religioso. Mas esses apontamentos levantados pelo autor não surgiram aleatoriamente, a influência do pensamento dos humanistas italianos

---

<sup>60</sup> Ao convenicionarem o conceito de Idade Média ao Idade das Trevas, os renascentistas italianos construíram uma representação sobre o próprio conceito de História Medieval que as comunidades de estudiosos interessados no medievo buscam desconstruir até os dias de hoje. A representação criada pelos humanistas italianos sobre a História Medieval foi justificada pelo período de crises, pelas mortes com a peste bubônica e pelas intervenções da Igreja Cristã Medieval característicos dos séculos finais. Ver em: AMALVI, Christian. Verbete “Idade Média”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017.

<sup>61</sup> BLOCH, Marc. “O Renascimento Intelectual na Segunda Idade Feudal” (Segundo Capítulo). In: BLOCH, Marc. *Sociedade Feudal*, Lisboa: Edições 70, 1987.

<sup>62</sup> Ibid. p. 128.

<sup>63</sup> O final da Idade Média foi marcado pela ascensão de uma nova forma de erudição representada pelos arautos. Os escrivães de chancelarias, por exemplo, eram responsáveis inicialmente apenas pela identificação dos brasões, entretanto, foram induzidos a fazerem uma rica pesquisa de ordem genealógica e hereditária. Ver em: GUENÉE, Bernard. Verbete “História”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, p. 583-598.

<sup>64</sup> AMALVI, Christian. Verbete “Idade Média”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, p. 599-616.

foi a principal fonte de nutriente para a difusão da decadência intelectual e cultural sobre a ideia do período medieval.

Para contribuir ainda mais com as noções negativas construídas em torno do período que se estende da conquista da Gália até o fim da Guerra de Cem Anos, os séculos XIV e XV, na Europa Ocidental, foram marcados, segundo Silva<sup>65</sup>, pelo colapso da ordem medieval, desde a crise do Papado até as tormentas e a grande quantidade de mortes em decorrência da peste. Por isso, muitos autores até intitulam este período como o “Outono da Idade Média”, ou ainda a “crise no sistema feudal”. Mesmo diante destes desafios, o mesmo período foi caracterizado por um sentimento de resiliência em que as comunidades medievais souberam reagir, econômica e politicamente, diante da explosão das crises.<sup>66</sup>

Voltemos o olhar para uma crise em específico, a crise do Papado. As relações entre Império e Papado durante o período medieval foram construídas de maneira imbricada, em que a disputa de poder esteve sempre presente, mesmo de maneira indireta. No caso específico da Europa Medieval, podemos observar o desenvolvimento de dois grandes projetos que visavam uma abrangência universal, são eles: o de uma Igreja Romana como central de unidade cristã, e o outro, o de um Império Romano que já nem existia mais<sup>67</sup>. O conflito entre os projetos universais emerge justamente das disputas de entre os poderes espiritual e temporal. A religião da palavra se viu, na Baixa Idade Média, diante de uma confusão interna que atingia clérigos e leigos.<sup>68</sup>

Além de disputas políticas internas (entre os próprios membros paroquiais) e externas (com o poder Imperial), a Igreja Medieval esteve diante também de novas demandas sociais ligadas ao imaginário. O uso de imagens medievais responde às exigências da utilização de recursos visuais para a evocação de símbolos e passagens referentes à vida de Cristo. Assim, para somar à análise, iremos atrelar o conceito de representação, definido por Chartier, ao de imagem-objeto esmiuçado por Baschet. Com isso, poderemos perceber que os códices medievais ultrapassam os sentidos de representação e estão também interligados à manipulação realizada pelos leitores sobre ritos anunciados.

---

<sup>65</sup> SILVA, Marcelo Cândido da. “Crises e renovações”. In: SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 115 (Coleção História na Universidade).

<sup>66</sup> Ibid. p. 116.

<sup>67</sup> BARROS, José de Assunção. *Cristianismo e política na Idade Média*. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 15, dez. 2009, p. 55.

<sup>68</sup> Ibid. p. 62.

Dentre um dos ritos anunciados, podemos citar a relação entre a cristandade medieval e a água. Segundo Miceia<sup>69</sup>, as águas simbolizam virtualidades, mas também podem ser sinônimo de destruição das formas, tanto que, se a passagem do dilúvio foi responsável pela destruição das civilizações da Terra, o batismo, um dos sete sacramentos da Igreja Medieval, é símbolo de nascimento e purificação. Além da relação com os elementos naturais, as Iluminuras medievais ilustradas pelo *Maître de l'Échevinage de Rouen* trazem um outro elemento interessante: a presença animalia, com destaque para o leão. Tanto os animais, quanto o contexto histórico relativamente caótico da Baixa Idade Média foram ilustrados em segundo plano.

A partir do conceito de representação e imagem-objeto, qual seria então o principal objetivo pedagógico e social das Iluminuras Medievais? Considerando as exigências imagéticas das comunidades do medievo, e os recursos visuais explorados pelas produções iluminadas que são geralmente ornadas com ouro e cores vibrantes, um dos objetivos que pode ser apontado é a revelação da palavra falada, ou seja, a manifestação e o sentido dos acontecimentos relacionados a História de Cristo. Além disso, as Iluminuras medievais são também uma espécie de discurso religioso esboçado em forma de imagens, por isso mesmo, são formadas pelas duas características comuns a estes discursos, definidas por Latour: a mentira e a elaboração<sup>70</sup>. O primeiro elemento é uma possível justificativa para a ausência dos momentos de caos social e econômico nas passagens iluminadas, oriundos da peste e também dos altos custos de manutenção da máquina administrativa.

Nesse sentido, as seções a seguir serão destinadas a reflexão sobre o contexto em que as Iluminuras ilustradas pelo *Maître de l'Échevinage de Rouen* foram produzidas, como já sabemos na intitulada Baixa Idade Média. Em decorrência dos debates historiográficos em torno do próprio sentido e significado da terminologia “Idade Média”, iremos retomar os principais acontecimentos deste período e as possíveis justificativas e valores agregados a cada entendimento. Além disso, na mesma oportunidade, analisaremos como os cenários e os sujeitos são ilustrados nestes códices iluminados. Já a terceira e última seção será destinada a reflexão sobre as relações entre a religião da Palavra e as produções iluminadas, buscando analisar em que medida os recursos de “representação” e “imagem-objeto” foram utilizados para a ilustração de figuras divinais, principalmente as que compõe a Trindade Santíssima – são eles Jesus, Maria e o próprio Deus.

---

<sup>69</sup> ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>70</sup> LATOUR, Bruno. *Júbilo ou tormentos do discurso religioso*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

## 2.1. Contexto das produções: é possível falar sobre a existência de uma Idade Média?

O tempo histórico foi convencionado, em grande maioria dos livros didáticos, através de uma divisão espaço-cronológica. Com isso, obtemos cinco grandes momentos na História Geral, são eles: Pré-História, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporaneidade<sup>71</sup>. A divisão em um primeiro momento pode aparentar um cunho didático visando facilitar o processo de visualização dos marcos históricos. Entretanto, deixa de lado a relação entre os contextos e tramas da História que ultrapassam as fronteiras territoriais e a própria cronologia pré-estabelecida, com datas de início e fim, dos acontecimentos que marcaram determinado momento na História. Além disso, reforça a tendência eurocêntrica dos estudos históricos em que, cotidianamente, muitos dos profissionais docentes tentam desconstruir para ofertar um ensino cada vez mais antirracista e plural.

Dentre os cinco grandes momentos da História da Humanidades, digamos assim, voltemos nossa atenção para a Idade Média. Quando nos referimos a este período uma série de reflexões sobre o próprio termo podem ser levantadas. Iniciemos pelo sentido de Idade Média. A historiografia moderna e boa parte dos livros didáticos atuais – o que ainda é um perigo – convencionaram este período como um intervalo dentro da História da Europa, como bem pontou Silva.

Em boa parte dos livros didáticos atuais, a Idade Média é definida como um intervalo da história da Europa compreendido entre os séculos V e XV, ou seja, entre o declínio do Império Romano do Ocidente e o Renascimento, e que se dividiria em três subperíodos: a Alta Idade Média, entre os séculos V e X; a Idade Média Central, entre os séculos XI e XIII, e a Baixa Idade Média (ou Idade Média Tardia), entre os séculos XIV e XV.<sup>72</sup>

A partir do excerto acima podemos levantar dois questionamentos interessantes, um deles é: a Idade Média seria um marco espaço-temporal exclusivo das comunidades europeias? Ou poderíamos falar sobre a existência de um período medieval, por exemplo, brasileiro, quando muitas das vezes algumas reportagens atuais<sup>73</sup> chegam a comparar o contexto sócio-político do país com o da Idade Média? Outro questionamento seria qual a significância da

---

<sup>71</sup> Palestra ministrada pelo Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto (UFPR) no evento "**Uma Idade Média ao Sul do Saara? Pré-Modernidade Africana, Medievalidade e Periodização**", no dia 09 de abril de 2021, às 16h através da plataforma Google Meet (informação verbal).

<sup>72</sup> SILVA, Marcelo Cândido da. "A Fabricação da Idade Média". In: SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 143 (Coleção História na Universidade).

<sup>73</sup> Ver em: ARIAS, Juan. "O Deus medieval que Trump e Bolsonaro tentam desenterrar". El País – Brasil, 17 de Novembro de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/17/opinion/1542484079\\_447948.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/17/opinion/1542484079_447948.html) . Acesso em: 28/03/2021.



afirmação da Idade Média como uma convenção e não apenas um dos grandes cinco momentos da História?

Em sua reportagem intitulada “O Brasil tem uma Idade Média?”, Alessandra Prado Coelho<sup>74</sup> respondeu justamente uma das nossas primeiras inquietações ao coletar explicações da investigadora Lurdes Rosa. Durante o encontro realizado entre medievalistas portugueses e medievais, a investigadora afirmou que mesmo o Brasil não tendo experimentado a existência da Idade Média, a matriz da sociedade é medieval e se manifesta, por exemplo, através do imaginário sertanejo influenciado por Carlos Magno e os 12 pares da França<sup>75</sup>. Além disso, a investigadora medieval aponta que o “olhar” brasileiro sobre a Idade Média é importante, porque por meio dele é possível perceber as distinções a respeito da “Idade Média pura” convencionalizada pelas nações francesas e alemãs, enquanto o feudalismo na Península Ibérica foi visto como periférico.

*Tudo isto acaba por ter uma dose ideológica muito forte. Os países da Europa central - a França e a Alemanha - construíram o seu nacionalismo sobre um passado medieval inventado, também ele imperialista, em que os países periféricos do Sul nunca tinham tido uma Idade Média pura. [...]. É importante questionarmo-nos a partir de outros que consideramos periféricos e perceber como é essencial acabar com este tipo de relações. O passado medieval da Europa não é por excelência o francês, e a Península Ibérica não é uma exceção.<sup>76</sup>*

A partir da explicação da historiadora e pesquisadora medievalista Lurdes Rosa, podemos compreender e refletir sobre o segundo questionamento. A ideia de Idade Média foi construída e de certa maneira apropriada por grandes nações imperialistas da modernidade como um passado inventado, que ignoraram as demais nações constituintes do extenso continente europeu, sem ponderar entre a excelência e a exceção. Não podemos esquecer que

<sup>74</sup> COELHO, Alessandra Prado. “O Brasil tem uma Idade Média”. Público – PT, Lisboa, 18 de janeiro de 2012. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/01/18/jornal/o-brasil-tem-uma-idade-media-23805006#:~:text=Mas%20n%C3%A3o%20existiu%20uma%20idade%20M%C3%A9dia%20no%20Brasil.&text=Durante%20muito%20tempo%2C%20na%20Hist%C3%B3ria,Ib%C3%A9rica%20era%20olhada%20como%20perif%C3%A9rica>. Acesso em: 28/03/2021.

<sup>75</sup> É uma das obras componentes da literatura medieval francesa e está traduzida para o português. Contém notícias circunstanciais das estaturas e fisionomias do Imperador Carlos Magno e dos doze pares da França. Em uma das descrições, o imperador chegou a ser descrito como “de alta estatura, e muito robusto, com 70 pollegadas de alto, cara espaçosa e redonda, olhos avermelhados, que indicavam ferocidade ao gesto, cabelos bastante ruços, pernas grossas, e grandes pés” (Introdução, p.6). Ver em: História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares da França. Traduzida do Castelhana para o Portuguez, por Mathias Joze Marques da Silva. Lisboa: 1894. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0045/index.htm>. Acesso em: 10/04/2021.

<sup>76</sup> ROSA, Lurdes, Encontro entre medievalistas portugueses e brasileiros. Entrevista concedida a Alexandra Prado Coelho. Público – PT, Lisboa, 18 de janeiro de 2012. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/01/18/jornal/o-brasil-tem-idade-media-23805006#:~:text=Mas%20n%C3%A3o%20existiu%20uma%20idade%20M%C3%A9dia%20no%20Brasil.&text=Durante%20muito%20tempo%2C%20na%20Hist%C3%B3ria,Ib%C3%A9rica%20era%20olhada%20como%20perif%C3%A9rica>. Acesso em: 28/03/2021.

as comunidades que viviam e experimentavam o período medieval não acreditavam estar vivendo na “Idade Média”<sup>77</sup>.

Com isso, atualmente, de acordo com o historiador Silva<sup>78</sup>, a Idade Média é encarada de duas maneiras. Uma delas é como “um espelho invertido da modernidade”, em que um lado do espelho significa pobreza e doença, e, na sua inversão, um repertório de valores sociais e morais que precisam ser retomados. Outra delas é a relação do período medieval com o moderno, destacando as origens do capitalismo por meio da resiliência diante do “colapso medieval”. Em relação a este último, Marx, influenciado pelos historiadores alemães de sua época, dedicou, em breves páginas, sobre o comunismo primitivo a existência de um modo de organização pautado na divisão do trabalho e no uso coletivo das propriedades de terra existentes durante o período medieval<sup>79</sup>.

Além da ideia do “espelho invertido da modernidade”, outras ideias construídas em torno dos sentidos e significados da terminologia “Idade Média” sofreram também interferências dos humanistas italianos, de filósofos modernistas como Voltaire e até dos eruditos europeus. Segundo Amalvi<sup>80</sup>, a terminologia “Idade Média” foi inventada por Petrarca e os humanistas italianos ainda no século XIV, sendo desenvolvida apenas séculos depois, mais especificamente, no século XVII entre os eruditos franceses e alemães. No século posterior (XVIII), Voltaire também contribuiu para que o termo fosse ainda mais aperfeiçoado e a definiu como um amontoado “de crimes e de loucuras e de infelicidades”<sup>81</sup>. Entretanto, as vésperas da Revolução Francesa, a expressão se tornou mais neutra e menos pejorativa entre os eruditos europeus.

Entre um “espelho invertido da modernidade” e um “amontoado de crimes e de loucuras e de infelicidades”, a Idade Média foi e ainda é usada em discursos que valorizam o velho mito do triunfo do Império Romano. Um exemplo destes usos foi durante o III Reich em que Hitler se apropriou dos imaginários de poder construídos em torno dos heróis medievais, elaborados pelo historiador Ernest Kantorowicz. Através do seu consagrado estudo, o historiador analisou o imperador Frederico II de Hohenstaufen responsável por construir um Estado Absolutista

---

<sup>77</sup> SILVA, Marcelo Cândido da. “A Fabricação da Idade Média”. In: SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 142 (Coleção História na Universidade).

<sup>78</sup> Ibid. p. 142.

<sup>79</sup> Ibid. p. 147.

<sup>80</sup> AMALVI, Christian. Verbete “Idade Média”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2)*. São Paulo: Unesp, 2017, p. 600.

<sup>81</sup> SILVA, op. Cit., p. 145.

fortemente centralizado e teve sua criação recuperada de uma maneira totalmente autoritária e fascista durante o III Reich na Alemanha.

Em 1939, o próprio Kantorowicz, desiludido e refugiado nos Estados Unidos, denuncia a recuperação totalitária do passado, enfatizando, numa nota das *Laudes regiae*, como a aclamação que desde a Anschluss de março de 1938 acolhia Hitler em suas paradas militares diante de multidões exaltadas – *ein Reich, ein Volk, ein Führer* – (“um só Império, um só povo, um só chefe) – é um eco sinistro [...].<sup>82</sup>

A “Conjuntura de 1300”, segundo Silva<sup>83</sup>, é marcada pela estagnação da economia senhorial que por muito tempo foi atribuída a responsabilidade à peste. Entretanto, a partir dos anos de 1950, os historiadores começaram a se preocupar com a “crise de 1300” e observaram que a inversão da conjuntura de expansão econômica antecede a peste, datada em 1347. Mesmo assim, não é possível negar os seus efeitos devastadores que intensificaram ainda mais as crises alimentares. São duas as possibilidades de explicação sobre a inversão da conjuntura de expansão, de um lado o descompasso produtivo, de outro lado a dominação aristocrata.

[...] em primeiro lugar, o descompasso entre o crescimento da população e a estagnação dos meios técnicos; depois o estrangulamento do campesinato dependente por parte da aristocracia senhorial. [...] No entanto, mesmo após a brutal diminuição da população, o que resultou em uma disponibilidade de terras maior, as epidemias e a fome persistiram até a metade do século XV. [...] A segunda explicação da “conjuntura de 1300”, de inspiração marxista, tem como foco a dominação exercida pela aristocracia senhorial sobre o conjunto da sociedade da Idade Média, em particular o campesinato dependente.<sup>84</sup>

Se a conjuntura social e econômica de 1300 expandiu suas sequelas para os séculos seguintes, o terceiro milênio reencontra também a face da Cristandade medieval em uma aurora de intensas trocas comerciais, artísticas e culturais.<sup>85</sup> Nesse sentido, os séculos XIV e XV são marcados por uma mistura de sentimentos, tramas e contextos que de um lado envolvem as agonias e sofrimentos com as mortes em decorrência da peste, e de outro, a emergência de produções artísticas e culturais dentro e fora das universidades. De acordo com Silva<sup>86</sup>, é neste momento também que o Estado Moderno foi fortalecido através das Monarquias, dentre elas a francesa, a inglesa e a da península ibérica.

Quando nos referimos a emergência do Estado Moderno durante a Baixa Idade Média, a impressão transmitida é a de ser um fenômeno político-econômico exclusivamente vantajoso, entretanto não é. Segundo Silva<sup>87</sup>, a ascensão do Estado Moderno e o estabelecimento de um

<sup>82</sup> AMALVI, Christian. Verbete “Idade Média”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2)*. São Paulo: Unesp, 2017, p. 606.

<sup>83</sup> SILVA, op. Cit., pp. 116-127.

<sup>84</sup> SILVA, op. Cit., pp. 116-117.

<sup>85</sup> AMALVI, op. Cit., p. 614.

<sup>86</sup> SILVA, op. Cit., p. 127.

<sup>87</sup> SILVA, op. Cit., p. 128.

sistema fiscal até foram vantajosos, pois permitiram o desenvolvimento mais eficaz dos mercados e até das feiras comerciais. No entanto, ainda segundo o autor, a manutenção administrativa da máquina estatal era custosa devido ao corpo de funcionários que incluía soldados e oficiais, e os únicos meios de obtenção dos recursos necessários para manter a máquina funcionando seria através da interdependência das guerras, dos confiscos de bens e das coletas dos impostos.

Irregulares e dependendo da vontade do príncipe ou dos imprevistos das campanhas militares, seu valor podia variar de acordo com as necessidades da conjuntura. Os próprios conflitos eram uma fonte de insegurança e de desestruturação das atividades produtivas, conduzindo, entre outros, à destruição ou o confisco das colheitas e dos rebanhos e à insegurança das rotas comerciais.<sup>88</sup>

A partir da exposição acima, podemos responder à pergunta desta seção, qual seja, “é possível falar sobre a existência de uma Idade Média?”. Não, não é possível falar apenas de uma Idade Média, assim como também não é possível falar de apenas uma modernidade, bem como os demais períodos históricos. O que chamamos de Idade Média foi experimentada, vivenciada e recuperada de maneiras múltiplas, e com as mais diversas intensões, significados e objetivos. Assim, sendo a próxima seção será destinada a refletir como esse contexto da peste e do “colapso medieval”, em suas várias expressões e manifestações, foram retratadas pelo *Maître de Rouen* nas Iluminuras.

## 2.2. O cotidiano medieval e a presença *animalia* em segundo plano

A crise do período medieval, iniciada no século XIV e que se estendeu até meados do século XV, não afetou apenas a dimensão política e econômica. A vida religiosa em suas diversas manifestações também sofreu alterações. Em países como Itália, Alemanha, França, entre outros localizados na Europa central, as práticas de flagelação em público aumentaram razoavelmente. Interessante lembrar que a autoflagelação, apesar de ter sido justificada em decorrência da associação da peste como uma penitência divina, era uma prática comum desde o século anterior. Outra mudança também aconteceu nas representações e manifestações artísticas com a emergência do interesse pelo tema macabro. Por isso, a Dança Macabra ganhou ornamentações em vários espaços públicos, como em muros de igrejas e cemitérios.<sup>89</sup>

E nas Iluminuras, o cenário das mortes e do macabro também ganharam espaço? Infelizmente não. A partir dos códices iluminados pelo *Maître de Rouen* observamos a presença

---

<sup>88</sup> SILVA, op. Cit., p. 128.

<sup>89</sup>SILVA, op. Cit., p. 129.

de caveiras, um dos símbolos ligados à morte, apenas no momento da Crucificação de Jesus. Além disso, não aparecem sequer destacadas e o espaço destinado à caveira e aos restos dos ossos é o chão, aos pés do filho de Deus. Uma possível justificativa para este fenômeno pode ser encontrada em Huizinga<sup>90</sup>, segundo o autor, as expressões de massa reproduziram a morte de forma simples, direta e violenta, como se as comunidades europeias do final da Idade Média enxergassem a morte apenas pelo aspecto da deteriorização. Ou seja, o homem medieval não só tinha aversão a morte e a doença, como deixava claro também seu desprezo pela decomposição do corpo.



**Figura 7: Crucificação de Jesus**  
**Fonte: Livros de Horas [1476-1500].**

<sup>90</sup> HUIZINGA, Johan. “Capítulo 11: A Imagem da Morte”. In: *O outono da Idade Média: Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010, pp. 221-246.



**Figura 8: Detalhe dos elementos ligados a morte (caveiras e ossos) em a Crucificação de Jesus. Fonte: Livros de Horas [1476-1500].**

Além de ignorar a emergência de temas ligados à morte ou ao macabro, o *Maître de Rouen* também ignorou os ganhadores e perdedores advindos do desenvolvimento da comercialização do comércio de produtos agrícolas e também da fortificação dos poderes centrais, como bem pontuado por Silva.<sup>91</sup> Os primeiros, respectivamente, foram o rei e os setores da aristocracia senhorial, já o lugar dos perdedores foi destinado aos pobres e camponeses das comunidades medievais.

Entre os primeiros, o rei, aqueles que participavam da coleta de impostos, os setores da aristocracia senhorial que começavam a se converter em corpo de funcionários do Estado, bem como os banqueiros e comerciantes que puderam se beneficiar do aumento da demanda por crédito e da circulação de mercadorias. Entre os perdedores, os camponeses que não suportavam o peso das imposições fiscais, que tiveram suas terras confiscadas e que vieram se juntar, nas cidades, aos pobres e miseráveis que lá já se encontravam, quando não se contentaram de vagar entre uma cidade e outra.<sup>92</sup>

Ao ignorar as dimensões da morte e as dissonâncias econômicas que rondavam a Baixa Idade Média, as iluminuras ilustradas pelo *Maître de Rouen* ganharam um ar romantizado e de paz, mesmo diante do caos. Uma possível justificativa para ilustrar belos vales verdejantes e grandiosos castelos medievais ao fundo dos códices iluminados, está na intenção do autor de voltar o olhar do público leitor para a passagem sobre a vida de Cristo, e não sobre a morte ou temas a ela relacionados. Assim sendo, não seria nada interessante e agradável admirar ou meditar sobre uma ilustração que trouxesse tons fortes e a marca da morte ou dos mortos, quando, na verdade, buscamos conforto e conhecer também a vida e a vinda do Salvador.

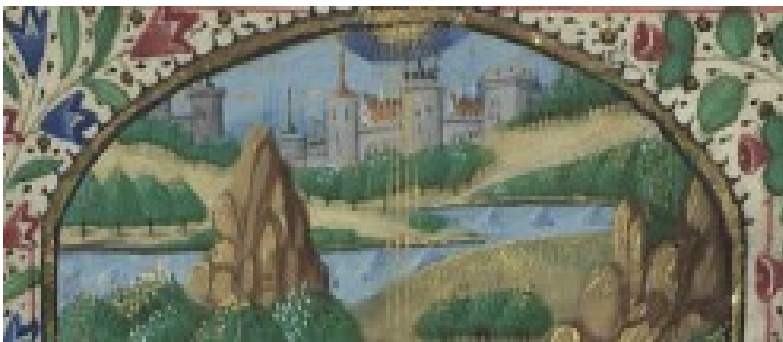
<sup>91</sup> SILVA, op. Cit., p. 131.

<sup>92</sup> SILVA, op. Cit., p. 131.





**Figura 9: A visita de Maria a sua prima Santa Isabel**  
**Fonte: Livros de Horas [1426-1476]**



**Figura 10: Detalhe sobre o cenário bucólico no momento da visita de Maria a sua prima Santa Isabel**  
**Fonte: Livros de Horas [1426-1476]**

No momento em que Maria visita a sua prima Santa Isabel (Figura 9), por exemplo, que havia sido agraciada com a vinda de um filho depois de muitas tentativas, o cenário é cordial e sereno. Ao fundo da iluminura (Figura 10), podemos perceber a presença de castelos medievais ilustrados com pedras e relativamente perto do céu. Além disso, os vales verdejantes que cercam as construções são guiados pelo caminho de um rio e a presença da água no encontro entre Maria, os anjos e a sua prima Isabel são também um símbolo marcadamente cristão. Segundo

Micéia<sup>93</sup>, as águas são arquétipos sobre as virtualidades e as possibilidades de existência, tanto que quando uma pessoa nasce, dentre os sacramentos da Igreja Católica, o batismo deve ser realizado pelo padre com a aspersão de água sobre a cabeça da criança.

Entretanto, ainda segundo a autora, a imersão nas águas pode simbolizar também a dissolução das formas materiais e humanas. O dilúvio, por exemplo segundo a tradição cristã, foi uma inundação global responsável pela destruição das civilizações e a modelação topográfica da superfície da Terra<sup>94</sup>.

Em qualquer conjunto religioso em que se encontrem, as Águas conservam invariavelmente a sua função: elas desintegram, anulam as formas, «lavam os pecados», simultaneamente purificadoras e regeneradoras. O seu destino é preceder a Criação e reabsorvê-la, incapazes que são de ultrapassar a sua própria modalidade, ou seja de se manifestar em *formas*. As Águas não podem transcender a condição do virtual, dos germes e das latências.<sup>95</sup>

Além da presença das águas, outro elemento interessante que também contém os Livros de Horas de liturgia e ritual é a presença *animália* em segundo plano. É interessante observar que as figuras de animais não são ilustradas dentro das Iluminuras, geralmente, elas compõem o lado exterior da imagem medieval, assim, os animais encontram-se separados dos homens. Uma possível justificativa para esse fenômeno pode ser encontrada em Santo Ambrósio. Segundo Fonseca<sup>96</sup>, o filósofo e santo definiu a principal distinção entre os homens e os animais, ao afirmar que os primeiros foram criados adornados de razão, enquanto os animais são irracionais e agem pelos seus impulsos naturais.

Os animais não só são separados dos homens e das mulheres medievais, mas também possuem certo espaço restrito dentro dos Livros de Horas. Podemos encontrar sua presença nos calendários litúrgicos e apenas no Livro datado de 1426-1476. A segunda fonte selecionada, o Livro de Horas – Liturgia e ritual [1476-1500], destina o mínimo de espaço possível para os animais, marcando presença apenas uma vez e ainda ao redor das iluminuras. Mesmo diante destas restrições, observamos em um dos calendários litúrgicos, nos quais geralmente contém datas comemorativas ligadas a Igreja Medieval, a presença animalia do leão (Figura 11).

---

<sup>93</sup> ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 147.

<sup>94</sup> Ver em: Montgomery, David R. A crença no Dilúvio: campo e teoria na evolução da paisagem antes da geomorfologia. *Terræ Didática*, 13(1):44-62.

<sup>95</sup> ELIADE, op. Cit., p. 148.

<sup>96</sup> FONSECA, Pedro Carlos Louzada. “A nobreza cristológica de animais no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio.”. In: BUTIÑÁ JIMÉNEZ, Julia, e COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 9. Aristocracia e nobreza no mundo antigo e medieval*, Dez/2009, p. 109.





Figura 11: Animalia “Leão” no calendário litúrgico  
Fonte: Livro de Horas [1426-1476].



Figura 12: Detalhe animalia “Leão” no calendário litúrgico  
Fonte: Livro de Horas [1426-1476]

O Leão (Figura 12) é considerado uma das figuras *mais poderosas* entre os bestiários. O próprio nome, Leão, advém do latim e pode ser traduzido para o “rei” já que ele é considerado o *príncipe de todos os animais*. Além do próprio nome e a localização hierárquica no topo do mundo animal, seus atributos são agigantados na literatura medieval, geralmente, são caracterizados como dotados de coragem no coração e de força, própria de sua natureza. Qualidades grandiosas e tão positivas que também são desejosas dos reis medievais. Entretanto, a realeza e graciosidade do animalia leão não fazem referência ao representante de Deus na

terra, mas sim ao seu filho, Jesus Cristo que, além de combater o mal, não descuidava do seu povo e ainda concebia o sopro de vida aos filhos mortos.

Para tanto, esse leão crístico-rei possuía três propriedades essenciais em sua natureza: (1) estava sempre escondendo, no mais alto, da perseguição do Mal, as pegadas do seu amor, até ser chamado pelo Pai para encarnar na figura do Filho Salvador; (2) não descuidava nunca do seu povo, mesmo no sono da morte como crucificado, porque estava sempre desperto como espírito divino; (3) despertava os filhos nascidos mortos insuflando-lhes, no terceiro dia, o sopro da vida, assim como o Pai chamou o Filho para ressuscitar três dias após a sua morte.<sup>97</sup>

Apesar de outros animais também serem ilustrados, como peixes (Figura 13) e uma vaca (Figura 14), a presença do leão é bastante interessante, porque se relaciona ainda com a onipresença de Jesus Cristo. Ou seja, mesmo que o filho de Deus não seja citado no momento da leitura e da marcação do calendário litúrgico, Ele se faz presente através da representação do Leão. Tanto que, geralmente a ferocidade do rei dos animais é expressa através do seu semblante agressivo<sup>98</sup>, entretanto, aparece aqui com calmo e mero observador da dedicação do fiel a leitura com atenção sobre as datas marcadas no calendário litúrgico (Figura 11), como um pai que quer e zela pelo bem de seus amados filhos.



**Figura 13: Detalhe animalia “Peixes”  
no calendário litúrgico**  
Fonte: Livro de Horas [1426-1476].



**Figura 14: Detalhe animalia “Vaca” no  
calendário litúrgico.**  
Fonte: Livro de Horas [1426-1476].

Nesse sentido, mesmo a presença *animália* ocupando um espaço, relativamente, secundário nas produções iluminadas, e nos Livros de Horas, ainda assim elas, de certa maneira, evocavam e remetiam à figura e à força do *verbo encarnado*. Além disso, o contexto de caos e tormenta vivido durante o século XV perde lugar para a paz que emana das manifestações da Trindade Santíssima nas produções iluminadas. O momento de oração e admiração da imagem do senhor e de sua Mãe, Maria Santíssima, nas passagens da História de Cristo estão acima dos

<sup>97</sup> FONSECA, op. Cit., p. 120.

<sup>98</sup> FONSECA, op. Cit., p. 121.

males temporais da vida terrena. Então, na próxima seção iremos refletir sobre as relações que podem ser estabelecidas entre a religião da palavra difundida pela Igreja Medieval e as produções iluminadas.

### 2.3. As relações entre Igreja Medieval e as produções iluminadas

O termo “*ecclesia*” (Igreja) surgiu em meados do século IX para designar a comunidade de todos os cristãos, independente da região, seja na Inglaterra ou na Península Ibérica, os indivíduos estariam unidos na Cristandade. Com o passar dos séculos, o vocábulo ganhou novos significados, sendo utilizado para designar uma congregação específica ou algum ritual religioso. Entretanto, a ideia de união foi acirrada em decorrência das diferenças políticas e sociais das comunidades da Cristandade Ocidental e da Cristandade Oriental. Segundo Silva, elas se desenvolveram de maneira diferente durante a Idade Média, principalmente, no quesito da relação entre os poderes temporais e espirituais.

Ambas se desenvolveram de modo distinto ao longo do período medieval, a começar pelo fato de que o chefe da Igreja do Oriente, o patriarca de Constantinopla, jamais reivindicou uma supremacia espiritual e temporal sobre a Cristandade, ao contrário do bispo de Roma. A ideia de Cristandade não recuou no Ocidente com o colapso da ordem carolíngia. Ao contrário, ela se viu reforçada pelo desenvolvimento do monasticismo cluniano, pela reforma da Igreja e pela construção da monarquia papal [...].<sup>99</sup>

Durante a Baixa Idade Média, a Cristandade Ocidental passou por um período de crises em relação a organização papal. Considerado como o “pastor angélico”, Celestino V, abdicou de sua ordem papal e o seu sucessor, Bonifácio VIII, desejava não apenas ser papa da Igreja Medieval do Ocidente, mas também ser imperador. Nesse sentido, acreditava ser chamado por Deus para exercer a plenitude do poder através do método das “duas espadas”: uma espiritual, guiada pela Igreja Medieval e outra temporal, pelos reis e cavaleiros para nutrirem a Igreja<sup>100</sup>. Entretanto, com as despesas e os fracassos sofridos com os empreendimentos de guerra, a idealização de Bonifácio foi fracassada. Ainda assim, a “monarquia papal”, ao lado dos órgãos do governo, recebeu vantagens e benefícios com o novo sistema fiscal que não agradou a todos, principalmente aos romanos e italianos.

Foi a partir de Avignon que o papado praticou em grande escala a colação direta de benefícios (especialmente episcopais e abaciais) e que foi criado um novo sistema fiscal que exigia, entre outra, o pagamento do “ano”, isto é”, do rendimento do

<sup>99</sup> SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2020, (Coleção História na Universidade), p. 84.

<sup>100</sup> ARNALDI, Girolamo. Verbete “Igreja e Papado”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2)*. São Paulo: Unesp, 2017, p. 652.

primeiro ano de cada benefício eclesiástico. Essas transformações foram criticadas – a ponto de suscitar nova celebração do modelo da Igreja primitiva – não somente por boa parte dos franciscanos, mas ainda por não eclesiásticos [...]. Por outro lado, romanos e italianos de modo geral (especialmente Petrarca e Catarina de Siena), de forma cada vez mais aberta, alimentavam a esperança do retorno do papado *ad limina apostolorum* [...] à espera do restabelecimento da soberania pontifícia no Estado da Igreja [...].<sup>101</sup>

Como uma solução para esses impasses, a tradição conciliar foi retomada e, ainda assim, muitos adotaram um comportamento de oposição aos plenos poderes concedidos ao bispo de Roma. O papado medieval preparou o terreno para, nas palavras de Arnaldi, uma indispensável reforma da Igreja que ainda estaria por vir com o papado da Renascença.<sup>102</sup> Diante dessa disputa de poderes espirituais e temporais dentro da estrutura da Igreja Medieval, é possível questionar: de que maneira ela foi manifestada para a comunidade através dos discursos religiosos que constituem as Iluminuras medievais? Em um primeiro momento podemos perceber a dissociação<sup>103</sup> entre a palavra e o discurso religioso que começa a ser corporificado em forma de imagens medievais. Para tanto, precisamos entender as dinâmicas do discurso religioso e o seu encadeamento ao decorrer da História da Igreja Medieval.

Segundo Latour<sup>104</sup>, não julgamos a verdade das palavras amorosas e religiosas pelo seu grau de antiguidade ou de novidade, mas sim pela forma como são encadeadas, porque isoladas não fazem sentido algum. Por isso, afirma ainda que o discurso religioso é formado por dois elementos principais: a mentira e a elaboração. O autor justifica sua afirmativa com o argumento de que nós temos sempre de alterar os enunciados e os ritos para continuarmos falando a verdade no presente. Entretanto, essa alteração exige um processo de torção da palavra que, caso não seja realizada, não iremos conseguir retomar a intenção das mensagens fora do contexto onde foram produzidas. E, conseqüentemente, a compreensão será ainda mais dificultada.

Nesse sentido, o autor observa ainda que as frases e os textos são inspirados em uma sequência de início, meio e fim. Ao mesmo tempo que estabelecem uma sequência cronológica, buscam quebrar o sentido da continuidade para que o leitor fique atento e, assim, possa compreender a mensagem que está sendo costurada.

As frases, os textos inspirados têm a mesma estrutura: eles contam uma história que tem começo, meio e fim, mas ao mesmo tempo marcam uma cadência, criam um ritmo pela retomada incessante dos mesmos movimentos. Eles quebram a continuidade

<sup>101</sup> Ibid., p. 653.

<sup>102</sup> Ibid., p. 656.

<sup>103</sup> Ver em: PARMEGIANI, Raquel de Fátima. O lugar das iluminuras medievais nas bibliotecas de obras raras. *ComCiência*, Campinas, n.127, abr. 2011. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151976542011000300011&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151976542011000300011&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 04/04/ 2021.

<sup>104</sup> LATOUR, Bruno. *Júbilo ou tormentos do discurso religioso*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, pp. 67-71.

temporal para impedir que o ouvinte se prenda à série longitudinal, que se deixe levar pelo sentido da história, frequentemente anedótico, até se tornar capaz de ouvir, até ficar atento, até conseguir escutar a série transversal, vertical, a mensagem costurada obliquamente no interior de outra.<sup>105</sup>

O fenômeno citado por Latour pode ser percebido também nos discursos religiosos imagéticos. As iluminuras ilustradas pelo *Maître de Rouen* não só repetem algumas passagens da História de Cristo – entendida aqui como início (Anunciação e Nascimento), meio (Crucificação) e fim (Morte e Ressurreição), como também quebra a ordem cronológica da vida do Verbo Encarnado ao decorrer do Livro de Horas (Tabela 1). Isso pode ser justificado, acompanhando o raciocínio de Latour, pela intenção que essas imagens têm de “salvar” as pessoas que estavam ali cercadas da morte.

Nesse sentido, os textos e as imagens santas falam que não podemos vencer a morte lançando-a fora do tempo, mas é preciso que ele – o tempo - seja forjado, de certa forma, a garantir ritmo, cadência e estrutura a continuidade das narrativas. Caso contrário, se não houvesse esse processo de inversão temporal, a morte seria a vencedora.<sup>106</sup> Quando na verdade, segundo a tradição católica, foi Cristo Jesus quem redimiu nossos pecados morrendo na Cruz e ressuscitando ao terceiro dia.

<b>Livro de Horas</b>	<b>Paginação</b> 107	<b>Conteúdo</b>
1426-1476	p.34	Anunciação de Nossa Senhora
1426-1476	p.56	Visitação a Santa Izabel
1426-1476	p. 86	Nascimento de Cristo
1426-1476	p. 107	Adoração aos (três) reis magos
1426-1476	p. 116	Oferta ao menino Jesus
1426-1476	p. 124	Apresentação do menino Jesus no templo
1426-1476	p. 132	Fuga para o Egito
1426-1476	p. 144	Coroação de Maria
1476-1500	p. 47	Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel – ao exterior sobre o pecado original (Adão e Eva)
1476-1500	p. 79	Nascimento do menino Jesus

<sup>105</sup> LATOUR, op. Cit., p. 70.

<sup>106</sup> LATOUR, op. Cit., pp. 70-71.

<sup>107</sup> A paginação foi estabelecida conforme o arquivo digitalizado e disponível para consulta, já que os Livros de Horas não foram completamente paginados.

1476-1500	p. 129	Crucificação de Jesus
-----------	--------	-----------------------

**Tabela 1: Levantamento sobre a História de Cristo nos Livros de Horas de liturgia e ritual [1426-1476/1476-1500].**

A partir do levantamento acima é possível estabelecer duas considerações sobre como a História de Cristo foi iluminada pelo *Maître de Rouen*. A primeira delas é a valorização dos momentos que remetem a vida ou ao nascimento, como é o caso da anunciação de Nossa Senhora e do nascimento do menino Jesus, e a incompletude das passagens do *Verbo encarnado*, como a ausência do momento da descida ao reino dos mortos e da ressurreição três dias após a crucificação. Outra consideração relevante faz menção a distinção da ilustração sobre a História da vida, morte e ressurreição de Cristo. Se na primeira coletânea de Livros de Horas [1426-1476] observamos oito momentos iluminados, na segunda esse número cai para apenas três.

Uma possível justificativa para os fenômenos observados pode ser encontrada nos sentidos de representação, esmiuçados em Chartier, e também no conceito de imagem-objeto, desenvolvido por Baschett. Ao decorrer do primeiro capítulo deste trabalho, já nos debruçamos sobre a definição de representação. Entretanto, atrelar ela ao sentido de imagem-objeto é importante para que possamos compreender os possíveis usos das imagens medievais como forma de expressões materiais e humanas. A leitura dos textos, sejam literários ou não, é destinada tanto para o ouvido, quanto para os olhos dos leitores. Por isso, os autores escrevem textos que os outros transformam em objetos<sup>108</sup>. Assim sendo, a imagem medieval tem múltiplas possibilidades de usos e lugares a depender de onde estão ou serão inseridas.

Nesse sentido, entendendo que as iluminuras são uma representação da História de Cristo, nos encontramos diante do que Chartier<sup>109</sup> intitulou de uma “dupla via”, onde um lado seria resultado das relações de força travadas entre as representações impostas e as produzidas pela comunidade, e de outro lado, o recorte social buscando a unidade. Além disso, acrescenta Baschet<sup>110</sup>, as imagens medievais não são puramente representativas, porque passam pelo processo de manipulação e de ritos que extrapolam os sentidos de representação. A partir disso, podemos localizar as Iluminuras medievais na via da busca por uma unidade da Cristandade Ocidental que já estava fragilizada internamente, por causa da disputa de poderes temporais e espirituais entre o papado, os reis e a cavalaria. Soma-se ainda o número crescente de mortos

<sup>108</sup> CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista Estudos Avançados, 1991, p. 182.

<sup>109</sup> Ibid., p. 183.

<sup>110</sup> BASCHET, 1996, p. 9 apud VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. *Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras*. In: *Diálogos*, v. 20 n. 3, 2016, p. 135.

em decorrência da peste, durante o século XV. Seria necessário então o fortalecimento da Igreja Medieval, interna e externamente, e não o contrário.

Retomar os momentos de vida e nascimento presentes na História de Cristo foi, então, uma estratégia para confortar aquelas almas que estavam em busca da salvação e libertação dos males terrenos durante a Baixa Idade Média. Por isso, era preciso que o fiel ou até a comunidade pagã encontrassem na imagem de Jesus, o filho encarnado do Criador, uma materialidade da esperança através da fé. Assim sendo, o discurso religioso imagético, ao torcer as passagens da História de Cristo, não abandona suas características, definidas por Latour, como hesitante, vacilante e obscuro. Pelo contrário afirmam os anseios humanos que, em consonância com o autor, entre a verdade nua e gelada, “preferimos sempre a verdade agasalhada em seus véus de veludo forrado”<sup>111</sup>. No próximo e último capítulo do presente trabalho destinaremos o espaço para a análise de alguns exemplares, dentre os levantados na Tabela I, observando as cores, os anjos, a Santa e as manifestações da tríade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

---

<sup>111</sup> LATOUR, Bruno. *Júbilo ou tormentos do discurso religioso*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 71.

### 3. AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA ANUNCIAÇÃO: OS TONS, OS SENTIDOS E O DIVINO EM QUESTÃO

Enquanto o primeiro e o segundo capítulo do presente trabalho foram destinados, respectivamente, a uma discussão teórica e bibliográfica sobre as produções artísticas e a História Cristã, e, a análise do contexto e do cotidiano medieval, agora a oportunidade ofertada é de esmiuçar algumas produções selecionadas entre as fontes estudadas. Dentre estas produções, foram escolhidas duas em específico e que possuem relação direta com o divino, quais sejam, “Anunciação de Nossa Senhora” (1426-1476) e “Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel – ao exterior sobre o pecado original (Adão e Eva)” – (1476-1500).

Para a análise das produções selecionadas é necessário, em um primeiro momento, conhecer mais sobre como elas eram produzidas, desde o processo químico das cores até as mudanças nos elementos que compõem os manuscritos. Para tanto, como alertam Visalli e Godoi<sup>112</sup>, precisamos lembrar que cada cor era feita de uma matriz diferente, e a depender do tom, a matéria-prima poderia ser de difícil e cara obtenção. Além disso, como as Iluminuras geralmente eram atreladas à Luz de Cristo, o ouro era um elemento fundamental. Por isso mesmo, códices considerados de grande importância eram ornados com pó de ouro, conforme os traços e recortes das produções.

Além de conhecermos mais sobre as técnicas de pigmentação e as variações de estilo durante a Baixa Idade Média, a relação entre as produções iluminadas e a História Cristã se faz presente mais uma vez. Ao ilustrar a passagem da anunciação, Rouen foi fidedigno à História Cristã, ao representar que esta ação não foi feita diretamente pelo Deus pai, mas sim por uma figura divinal muito conhecida pelas comunidades medievais, qual seja, o Anjo. A vinda do anjo Gabriel, chamado também de anjo das boas novas ou de boas notícias, revela para nós que esses seres são responsáveis pela ligação entre o Céu e a Terra. Assim sendo, a segunda seção do presente é uma oportunidade de estudar mais sobre as relações entre o anjo Gabriel, em específico, e a História Cristã durante o período da dita Baixa Idade Média.

As passagens da anunciação a virgem Maria pelo anjo Gabriel além de nos oportunizar a análise sobre as relações estabelecidas entre o divinal e o terreno, ainda trazem como presença marcante uma das manifestações da Santíssima Trindade. Em ambas Iluminuras a serem estudadas a seguir, o Espírito Santo aparece tanto próximo de Maria, quanto do Anjo, em forma

---

<sup>112</sup> VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 20, núm. 3, 2016, pp. 129-144.



de Pomba. Segundo Rebelo<sup>113</sup>, as aparições do Paráclito estão associadas aos momentos de revelação divina e até a concepção do Cristo Salvador. Além disso, conforme o autor, são também uma maneira de redimensionar a ação humana através dos seus sete dons. Com isso, a chamada terceira seção será o momento de esmiuçar os dons e as virtudes do Espírito Santo atreladas a anunciação do filho salvador<sup>114</sup>.

Nesse sentido, o presente capítulo é uma oportunidade para analisar alguns exemplares sobre a passagem da Anunciação em seu sentido mais amplo, desde a estrutura física até as possíveis relações de serem estabelecidas com as representações da História Cristã e uma das manifestações da Tríade. Neste momento, a obra intitulada de “Figuras de Deus: a Bíblia na Arte”, de Dominique Ponnau, será considerada como a principal referência de análise das Iluminuras, buscando, assim como o autor, atrelar a descrição minuciosa das ilustrações com as referências sobre as representações da passagem escolhida, qual seja, a Anunciação do anjo Gabriel a virgem Maria.

### **3.1. O processo químico das cores e as mudanças de estilos das produções na Baixa Idade Média**

Ao observarmos as Iluminuras medievais, um primeiro elemento nos chama logo a atenção: as cores. Os tons fortes e luminosos são justamente o contrário da mentalidade das trevas compartilhada pelos renascentistas. As comunidades medievais, segundo Eco,<sup>115</sup> se vê em um ambiente luminosíssimo, uma vez que, as combinações de cores puras reforçam ainda mais essa sensação. Ainda segundo o autor, o período medieval jogava com as cores elementares e com tintas que geravam luz e, conseqüentemente, produziam os efeitos da beleza caracterizados por Tomaz de Aquino, como três: a proporção, a integridade e as claritas, ou melhor dizendo, a clareza e a luminosidade.

A partir da definição de Tomaz de Aquino, podemos perceber que os elementos coloridos possuem uma intrínseca relação com o divino. Ao definir a beleza, o filósofo afirma que a beleza de Deus emana da proporção e harmonia entre todas as coisas. E com as produções

---

<sup>113</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro. “As celebrações do Espírito Santo nas dinâmicas histórico-culturais”. *Correio de Coimbra* (Universidade de Coimbra), 6 de junho de 2019, p. 5.

<sup>114</sup> Ver em: JACQUES, Le Goff. “Duas figuras maiores, o Espírito e a Virgem”. In: *O Deus na Idade Média: conversas com Jean-Luc Poushier*, tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, pp. 46-61.

<sup>115</sup> ECO, Humberto. “Capítulo III: A luz e a cor na Idade Média”. In: *História da beleza*, Rio de Janeiro: Record, 2004, tradução Eliana Aguiar, p. 99.

iluminadas a situação não é diferente. Ao representarem as passagens da História Cristã, as cores desempenham não só um papel estético, mas evocam principalmente a luminosidade e a harmonia proporcionadas pela manifestação da tríade, seja em forma do Deus Pai, ou até do Espírito Santo. Entretanto, antes de adentrarmos nos sentidos atribuídos as cores das Iluminuras, precisamos entender primeiramente como essas mesmas tintas e tons eram produzidos.

Em conformidade com Visalli e Godoi<sup>116</sup>, a produção dos manuscritos eram trabalhosas principalmente no que diz respeito as técnicas para a obtenção das cores. Geralmente, elas eram obtidas de maneira natural, utilizando minerais e também o coró de animais. No segundo caso, o coró precisava ser tratado, por isso, os monges além de retirarem a pele do animal, ainda teriam que tratar, limpar, raspar e deixar durante dias até estar boa para o uso. Assim que os fólhos ou as folhas estivessem adequadas para receberem a escrita e a pintura, a preocupação final chegava: a coloração. As autoras alertam que apesar de não encontrarmos manuais sobre as produções dos manuscritos iluminados, é possível perceber que eles eram confeccionados obedecendo a uma ordem: cópia, desenho e coloração.

Ainda que não tenhamos um manual que apresente a técnica adotada durante o medievo, é possível perceber uma lógica, mais ou menos coesa, seguida na maioria dos manuscritos: primeiro a cópia do texto, depois o desenho do contorno das imagens e então a coloração. Aqui também é importante ressaltar o processo de obtenção e as especificidades do pigmento. No caso dos manuscritos medievais, os pigmentos eram feitos, em geral, da mistura de um ligante com um tipo de planta, um mineral ou um inseto que proporcionava a cor.<sup>117</sup>

Com uma tinta, podemos obter outra cor ou uma mistura de cores. Para tanto, uma produção deste pigmento colorido exige, no mínimo, dois elementos os ligantes<sup>118</sup> e o colorante. O primeiro ajuda a fixar e obter um revestimento mais homogêneo e duradouro sobre o material trabalhado, no caso das Iluminuras eram nos fólhos dos Livros de Horas, e o colorante poderia ser obtido de algum mineral ou até de plantas e insetos. Após a mistura, a tinta seria utilizada ou para a escrita ou para a pintura. Além do mais, deveriam ser armazenadas para manter o

---

<sup>116</sup>VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 20, núm. 3, 2016, p.137.

<sup>117</sup> Ibid. p. 137, apud AUGUSTE, Catherine. *Lettres ornées à connaître et créer*. Rennes: Editions Ouest-France, 2007.

<sup>118</sup> Durante o período medieval até o renascimento, podemos reconhecer dois tipos em específico de ligantes, são eles: as têmperas e os óleos. As têmperas, segundo os estudiosos portugueses, eram os ligantes que se dissolviam na água, como os ovos inteiros e as gemas. Já as têmperas mistas, poderiam levar na sua mistura outros elementos naturais, como o amido. Entretanto, mesmo com estas possíveis combinações, para uma boa qualidade de pintura é melhor deixar de lado o uso do óleo. Ver em: MELO, Maria João; MIRANDA, Maria Adelaide (orgs.). “Caderno: A descoberta da cor na Idade Medieval”. In: *A cor da Iluminura Medieval portuguesa*, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Universidade Nova de Lisboa).

pigmento e, em caso de ser utilizada para pintar usando pincéis, exigiria um esforço a mais pela necessidade de moer previamente os pigmentos escolhidos.

As tintas eram importantes para escrever e para pintar; as tintas para a escrita tinham um aspecto mais líquido e eram guardadas num corno, enquanto que as tintas para pintar podiam ser utilizadas em conchas. Também podiam ser guardadas em saquinhos feitos com peles de animais. Para obter uma tinta para pintar, aplicada com um pincel, os pigmentos previamente moídos são misturados com um ligante. Dependendo do tipo de pigmento escolhe-se o grau de moagem.<sup>119</sup>

Ainda que os elementos ligantes pudessem ser misturados com outros materiais, os pigmentos responsáveis pela coloração geralmente não eram associados a outros. Assim sendo, a obtenção destes se tornava ainda mais difícil e cara. Nas Iluminuras a serem analisadas a seguir podemos observar dois tons que se destacam: o verdete (Figura 15) e o vermelhão (Figura 16). O verdete foi utilizado primeiramente pelas comunidades durante a Antiguidade, e além de exercer a função de pigmento, era também utilizado como cosmético. Na Idade Média ele também era produzido expondo as placas de cobre a vapores do elemento químico ácido acético, conhecido como vinagre. Já o vermelhão, começou a ser produzido também na Antiguidade e seu nome foi escolhido em decorrência do inseto de onde era extraído<sup>120</sup>.



**Figura 15 – Cor verdete**  
**Fonte: Caderno de Apoio**  
**(Universidade de Nova Lisboa)**



**Figura 16 – Cor vermelhão**  
**Fonte: Caderno de Apoio**  
**(Universidade de Nova Lisboa)**

Agora que conhecemos melhor sobre as produções das tintas e a origem das cores, podemos refletir sobre seu papel social e os significados atribuídos as produções iluminadas sobre História Cristã. As comunidades medievais estavam imersas no divino, desde o político até o cultural, e com as cores a situação não era diferente. Se ainda hoje, algumas comunidades conservadoras insistem em associar as cores azul e rosa, respectivamente, aos meninos e as meninas,<sup>121</sup> na Idade Média as cores também expressavam significados que foram sendo

<sup>119</sup> MELO, Maria João; MIRANDA, Maria Adelaide (orgs.). “Caderno de apoio: A descoberta da cor na Idade Medieval”. In: A cor da Iluminura Medieval portuguesa, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Universidade Nova de Lisboa), p. 9. Disponível em: [https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao\\_caderno\\_de\\_apoio.pdf](https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao_caderno_de_apoio.pdf). Acesso em: 16/07/2021.

<sup>120</sup> Ibid. pp. 17-18.

<sup>121</sup> Ver em: PEREIRA, Joseane. “Até o século 20, meninos vestiam rosa e meninas usavam azul. Entenda como

alterados com o decorrer do tempo, principalmente por influência da Igreja Medieval e da nobreza.

As comunidades medievais, conforme Eco,<sup>122</sup> atribuem significados e sentidos sobrenaturais aos elementos que compõe o Universo e as cores é também um destes elementos. Neste sentido, continua o autor, é um costume destas comunidades atribuírem valores positivos e negativos por duas razões principais, são elas: o simbolismo medieval agrega dois valores opostos a uma mesma coisa e, devido a longa extensão do próprio período, mudanças de convicção e gostos poderiam acontecer. E aconteceram.

Com isso, as cores medievais também sofreram mudanças de sentidos e significados ao decorrer dos longos dez séculos da Idade Média. Nos primeiros séculos, o azul-verde, por exemplo, ao estar associado ao verde, era desvalorizado por ser considerada uma cor pálida. Entretanto, a partir do século XII, o azul torna-se apreciado ao ser considerada a cor responsável por filtrar a luz celestial, e assim, começam a estampar os vitrais das catedrais e as pinturas medievais. Em consonância com a dualidade do simbolismo medieval, outro exemplo são os extremos dos significados do vermelho, ora associados a coragem e a nobreza, ora relacionados a cor das prostitutas e dos carrascos.<sup>123</sup>

Além dos sentidos de coragem e nobreza por exemplo, as cores também exprimiam a organização da sociedade medieval. Em consonância com Eco, o medievo era composto por ricos e nobres, mas também por pobreza extrema e deserdados. E para manifestarem as dissonâncias sociais e exalarem poder, utilizavam como recurso visual a exposição da exuberância de armas e as vestimentas. Geralmente, os senhores esbanjam até joias, enquanto os pobres e camponeses se vestem, respectivamente, com roupas de cor pálida e acinzentadas.<sup>124</sup>

Nesse sentido, as cores são consideradas signos de poder, e as Iluminuras não deixaram de o reproduzir. Ao representar a Santa Mãe de Deus com tons azuis marcantes e o anjo Gabriel com um vermelho forte, o conhecido mestre de Rouen também esboça preocupação com as vestimentas das figuras divinais que compõe o momento da anunciação. Mesmo desenhando um cenário bucólico e camponês, Maria e o anjo não são representados com cores acinzentadas, pelo contrário. Em decorrência da relação com o divino, eles são ilustrados com cores de tons marcantes, como é o caso do azul e do vermelho. Após analisarmos as cores e os seus

---

tudo mudou.”. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-rosa-para-meninos-e-azul-para-meninas.phtml>. Acesso em: 16/07/2021.

<sup>122</sup> ECO, Humberto. “Capítulo III: A luz e a cor na Idade Média”. In: História da beleza, Rio de Janeiro: Record, 2004, tradução Eliana Aguiar, pp. 121-124.

<sup>123</sup> Ibid. p. 123.

<sup>124</sup> Ibid. p. 106.

significados, a próxima seção será destinada a analisar a relação entre a visita angelical e o momento da anunciação das boas novas.

### 3.2. Ouçam as boas novas: sobre a anunciação e a salvação da humanidade

De acordo com a cristandade medieval, como afirma Schimtt,<sup>125</sup> as características atribuídas a Deus foram resultado de um longo trabalho não do cristianismo em si, mas da História. A própria palavra *Deus*, continua o autor, é derivada da tradução grega que significa luminoso. Além da palavra Deus estar relacionada à luminosidade, como também acontece com o significado da terminologia *Illuminura*, ele é ao mesmo tempo uno por essência e trino formado pela união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E, dentre os exemplares de Livros de Horas selecionados para o presente estudo, encontramos uma mesma passagem sobre a História Cristã representada de maneiras singelamente diferentes uma da outra: no momento da anunciação temos a possibilidade de analisar a manifestação e a união da Trindade Santíssima.

Ao observamos a *Illuminura* sobre a passagem da anunciação da Virgem Maria (Figura 17), podemos, em um primeiro momento, não perceber que a trindade se faz presente. Além do mais, a *Illuminura* não conta só com o momento da anunciação, mas traz ao redor um anjo agachado localizado ao canto superior direito que está tocando um arpão (Figura 18), outro anjo também com os joelhos dobrados próximo ao final da página, sentado olhando para cima e mexendo com alguns objetos que se assemelham a uma estante de livros (Figura 19). Além das figuras divinas que acompanhavam o anjo das boas novas, vemos logo abaixo a retomada do momento do jardim do Éden, Adão e Eva estão nus, cobrindo os órgãos genitais e aceitando o fruto do pecado (Figura 20). Encontramos ainda mais uma passagem de cumprimento entre um nobre e um membro paroquial (Figura 21).

---

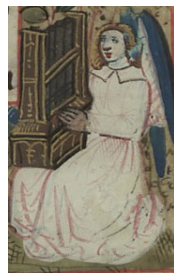
<sup>125</sup> SCHIMITT, Jean-Claude. Verbete “Deus”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, pp. 338-357.



**Figura 17: Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel – ao exterior sobre o pecado original (Adão e Eva).**  
**Fonte: Livro de Horas [1476-1500].**



**Figura 18: Anjo tocando a Arpa, Livro de Horas [1476-1500].**



**Figura 19: Anjo mexendo com os livros, Livro de Horas [1476-1500].**



**Figura 20: Adão e Eva no Jardim do Éden, Livro de Horas [1476-1500].**



**Figura 21: Detalhe do cumprimento paroquial, Anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel, Livro de Horas [1476-1500].**

Mesmo com a presença de outros momentos, como é o caso do pecado original no Jardim do Éden, a passagem da anunciação se destaca. Ao observarmos a Iluminura central (Figura 22), podemos perceber que o anjo Gabriel, conhecido como o anjo das boas novas, chega para o momento tão esperado pela humanidade que havia sido assombrada pela tentação



do pecado com Adão e Eva<sup>126</sup>, a anunciação do salvador. Entretanto, para fazer o anúncio a Maria, o anjo não está sozinho, além de carregar consigo uma mensagem escrita em Latim, Gabriel é acompanhado pela pomba do Espírito Santo e contemplado por Deus pai que aparece discretamente na parte superior da produção.



**Figura 22: Detalhe da passagem da anunciação da Virgem Maria pelo Anjo Gabriel.**  
 Fonte: Livro de Horas [1476-1500].

Como define Ponnau<sup>127</sup>, o momento da anunciação é o tempo de realização da promessa de Deus para a humanidade. Ao enviar o seu anjo mensageiro, Deus envia também a boa nova a uma cidade da Galiléia para uma virgem prometida em casamento, e esta virgem era Maria<sup>128</sup>. Esta mulher que iria se casar com José, foi a escolhida de Deus para cumprir a promessa da vinda do Salvador, por isso mesmo, em hebraico, o nome de Jesus significa “Deus salva”. O mesmo Deus da cristandade medieval que ofertou a possibilidade para a humanidade desfrutar os encantos do jardim situado no oriente, onde Adão e Eva cometeram o pecado original, misericordioso e piedoso como é, Deus possibilita mais uma vez que os homens e mulheres se

<sup>126</sup> Segundo Silva, a tradição judaico-cristã atribuiu os males desse mundo ao mito de Adão e Eva. O pecado dos “primeiros pais” foi cometido quando cederam a serpente astuta responsável por levar Eva a comer da árvore do bem e do mal, e mais, Eva ainda influencia que Adão também como do fruto. Após provarem do pecado, o homem e a mulher encontram-se despidos e os castigos simbólicos são aplicados a toda a humanidade, tanto aos homens, quanto as mulheres. Ver em: SILVA, Dayvid da. “Capítulo 1: O mito bíblico da criação – Adão e Eva e o pecado original”. In: Pecado Original: uma herança agostiniana? O tema da “falta de origens” e suas consequências. Tese (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, pp. 98-109.

<sup>127</sup> PONNAU, Dominique. “A anunciação”. In: Figuras de Deus: a Bíblia na arte, São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 80.

<sup>128</sup> Lucas (1:26-39) In: Bíblia. Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 1968 e 1969.

renovem e, para tanto, envia o próprio filho, Jesus, como o Salvador e libertador dos pecados da carne. O Filho de Deus, como afirma Schimitt, se faz homem por amor à humanidade.

O Deus ciumento do povo de Israel, que era antes de tudo um poder, um soberano, um chefe de armas, torna-se uma “pessoa” que dialoga com seus profetas. Deus cada vez mais pessoal, ele se inscreve no homem, em seu coração, como diz Jeremias (31, 31-4), a lei de sua nova aliança. Assim, uma relação mais afetiva e exaltada se estreita entre o homem e Deus, que o cristianismo saberá não somente preservar, como aprofundar na relação de amor entre o Filho de Deus, isto é, o Filho de Deus que se faz homem por amor aos homens, e cada ser humano em particular.<sup>129</sup>

A representação de Rouen sobre a passagem da anunciação responde de maneira fidedigna à História Cristã. Ao enviar a mensagem de Deus, o anjo Gabriel e Maria não estabelecem um diálogo, tanto que a mensagem vem escrita em uma espécie de pergaminho muito utilizado pelos clérigos e nobres medievais. Mas como representar o silêncio? Em consonância com Abreu<sup>130</sup>, as produções artísticas medievais não foram feitas para serem lidas, já que a maioria dos fiéis eram iletrados e a educação era restrita. As Iluminuras, então, deveriam ser contempladas, por isso, a presença visual das figuras religiosas é importante. Mesmo que não estabeleçam um diálogo, a comunidade cristã conhecedora da história do salvador sabe que a resposta de Maria foi positiva. E, como afirma Ponnau, o anúncio feito a Maria durante o tempo da realização se renova a cada dia para a humanidade.

Que se cale a terra humana, que ela se recuse à Palavra eterna; a Palavra eterna não será nunca seu filho. O Eterno é aquele que não só se deixa formar no ventre de sua criatura, como também não admite existir a não ser que sua criatura o consinta. Sim, essa última primavera, que é o anúncio de Maria, certamente é a primeira primavera de todas. [...] O anúncio feito a Maria a cada dia se renova para a humanidade. Essa última, essa jovem e primeiríssima primavera está por vir: cabe a nós, se quisermos, acolhê-la.<sup>131</sup>

Além do silêncio observado na passagem, podemos perceber que o anjo não se encontra de pé ou voando sobre Maria, pelo contrário, o anjo Gabriel está ajoelhado diante da escolhida de Deus. Os anjos são figuras divinais que possuem a vocação de manifestar-se para as comunidades humanas, e mais, de estabelecer relações com as pessoas. Sendo assim, segundo Faure<sup>132</sup>, não só são protetores e guias pessoais, mas também são mensageiros das vontades divinas. Então, por que uma figura divinal tão próxima do criador executa a ação de se ajoelhar

<sup>129</sup> SCHIMITT, Jean-Claude. Verbetes “Deus”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, p. 339.

<sup>130</sup> ABREU, Clara Habib de Salles. “A concepção do verbo e o silêncio da imagem: a representação visual da crença na *conceptio per aurem* em pinturas da Anunciação de Cristo.”, XII EHA – Encontro De História Da Arte – UNICAMP, 2017, p. 169.

<sup>131</sup> PONNAU, Dominique. “a anunciação”. In: Figuras de Deus: a Bíblia na arte, São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 81.

<sup>132</sup> FAURE, Philippe. Verbetes “Anjos”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, pp. 80-94.



diante de uma mulher? Segundo Tomás de Aquino, mesmo os anjos sendo criaturas hierarquicamente superiores, o anjo Gabriel se encontrou com uma mulher dotada de plenitude e dignidade sobrepujante a tradição angelológica, qual seja, a bem-aventurada Maria. Além disso, a ação se assemelha à postura dos cavaleiros diante de suas damas, como podemos ler nos romances de cavalaria e tropas medievais.<sup>133</sup>

A partir do momento em que Maria é admirada por sua plenitude e bem-aventurança, o papel das mulheres na sociedade medieval sofreu mudanças. Enquanto Eva foi considerada a responsável pelo pecado original e por condenar a humanidade aos sofrimentos deste mundo, Maria, de acordo com Le Goff, se afastou de sua natureza humana e se aproximou do status divinal. Com isso, as crianças também ganharam um espaço simbólico na sociedade medieval. Conforme o autor, a Criança por excelência que marca estas comunidades é o Menino Jesus, e à medida que o culto e a devoção a Virgem crescem, as pequeninas passam a serem figuras admiradas e ainda mais acolhidas pelo amor materno, tanto espiritual, quanto humano.<sup>134</sup>

Ao olharmos para a Iluminura, vemos que Maria está trajada com um longo manto azul e observa com um olhar carinhoso e paciente a chegada do anjo em seu quarto, e Deus lá do alto vê o cumprimento de sua promessa, então, onde estaria Jesus para que a Trindade Santíssima se manifestasse por completo? Não podemos esquecer que a tradição católica-cristã medieval é conhecida como a religião da palavra, assim sendo, mesmo que não estejamos vendo a figura de Jesus, ele é representado através da mensagem do anjo Gabriel e da “*Conceptio per aurem*”, ou seja, a crença de que Maria concebeu o filho de Deus através dos ouvidos. Segundo Abreu<sup>135</sup>, autora guiada pela patrística e a teologia medieval, após ouvir as palavras do anjo, Maria concebeu o *Verbo encarnado* e, então, Jesus já se encontrava em seu ventre.

Nesse sentido, a passagem da anunciação analisada acima traz uma série de elementos e figuras divinais que se relacionam a História Cristã. A vinda do Salvador é um sopro de esperança para as almas medievais que estavam perturbadas pelo contexto de crises no século XIV. O sim constante de Maria e o acolhimento da tradição imagética pelas comunidades medievais é uma forma de conforto para os olhos e corações angustiados e assolados pela peste e pela fome. Ainda analisando a passagem da vinda do anjo Gabriel, a próxima seção será

---

<sup>133</sup> PEINADO, Laura Rodrigues, 2014 , p. 2 apud SOUZA, Patrícia Marques de. Anunciação à Virgem Maria: a iconografia da encarnação de Cristo em Livros de Horas. Cuadernos Medievales, n. 21, dez/2016, p. 109.

<sup>134</sup> LE GOFF, Jacques. Capítulo 2: Duas figuras maiores, o Espírito Santo e a Virgem Maria. In: *O Deus da Idade Média*, Jacques Le Goff: conversas com Jean-Luc Pouchier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 41-62.

<sup>135</sup> ABREU, Clara Habib de Salles. “A concepção do verbo e o silêncio da imagem: a representação visual da crença na *conceptio per aurem* em pinturas da Anunciação de Cristo.”, XII EHA – Encontro De História Da Arte –UNICAMP, 2017, p. 170.

destinada ao estudo sobre uma das manifestações do trino, qual seja, o Espírito Santo em forma de pombo responsável por conceber o *Verbo encarnado*.

### 3.3. Vejam o Espírito Santo: sobre uma das manifestações da Tríade

Para analisarmos a presença de Deus na Idade Média, segundo Schimitt, há duas possibilidades: através do olhar do crente ou do historiador. Caso o historiador ainda seja crente, não pode esquecer de que Deus é uma criação humana, então é produto de uma época e também está sujeito a mudanças. Uma dentre as principais mudanças sobre o divino diz respeito às suas manifestações, como o cristianismo medieval esboçou a complexa representação de Deus? Ainda segundo Schimitt, um mesmo Deus que é uno por essência se manifesta também em três pessoas, quais sejam, o Pai, o Filho (Jesus) e o Espírito Santo.<sup>136</sup> E para a presente seção, a última manifestação é a que mais nos interessa.

Durante o período medieval uma doutrina messiânica irá influenciar a maneira como o Espírito Santo é devotado, qual seja, a do beneditino Joaquim de Flora. De acordo com esta doutrina, afirma Rebelo<sup>137</sup>, a História é concebida através de uma concepção escatológica dividida em três idades: a *Idade do Pai* (período do Antigo Testamento), a *Idade do Filho* (com o Novo Testamento) e, por fim, a *Idade do Espírito Santo*. No século XIII, na Baixa Idade Média, esta última idade é caracterizada como um período de fraternidade, convivência pacífica entre os povos e também da harmonia da humanidade com Deus. Símbolo da fraternidade e harmonia, como Deus, em forma de pássaro, foi inserido pelo cristianismo nas comunidades medievais?

Segundo Le Goff, como a devoção de Deus em forma de pássaro seria difícil de ser aceita pelo crente daquela época, o cristianismo medieval e seus clérigos buscaram introduzir esta manifestação para a ser aceita pela sociedade. Mas como? Ainda segundo o autor, além do desenvolvimento dos sete dons do Espírito Santo<sup>138</sup>, este se ajustou as novas organizações do

---

<sup>136</sup> SCHIMITT, Jean-Claude. Verbete “Deus”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, p. 338.

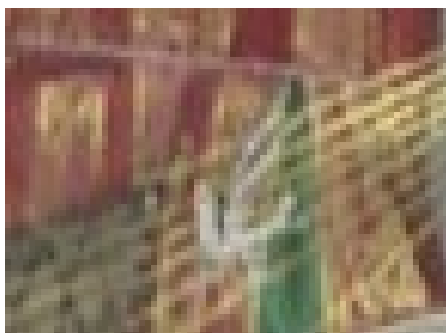
<sup>137</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro. “As celebrações do Espírito Santo nas dinâmicas histórico-culturais”. *Correio de Coimbra*, 6 de Junho de 2019, p. 5.1

<sup>138</sup> De acordo com Le Goff, os dons do Espírito Santo advêm da Bíblia e são sete: o temor, a piedade, a ciência, a força, o conselho, a inteligência e a sabedoria. Um dos primeiros religiosos a adotar estes dons foi Santo Agostinho, entretanto ele inverte o funcionamento do sistema, ou seja, como os dons são fontes de desejo das comunidades, são estes mesmos homens e mulheres medievais que solicitam de Deus a concessão destes setes dons. Além dos anjos, o Espírito Santo também se torna então responsável pela aproximação de Deus com a humanidade. LE GOFF, Jacques. Capítulo 2: Duas figuras maiores, o Espírito Santo e a Virgem Maria. In: *O Deus da Idade Média*, Jacques Le Goff: conversas com Jean-Luc Pouchier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 47-48.

sistema feudal que, a partir do século XIII, estava entrando em uma fase mais artesanal e urbana. O Espírito de Deus não se manifesta mais apenas através dos grandes palácios e reinos, ele agora se faz presente nas cidades, em especial nos ambientes de confrarias e hospitais.

O Espírito Santo se introduz na sociedade assumindo um papel superior em certas atividades coletiva, profissionais, quer dizer, as confrarias. Torna-se o Deus das confrarias. E também dos hospitais. Isso se dá em particular nos meios germânicos. Pude compreendê-lo – um tanto envergonhado! – em Nuremberg, num restaurante instalado num hospital medieval do Espírito Santo, e recomendado por sua gastronomia bávara. [...] O Santo Espírito não se contenta em descer sobre os reis convertidos. No hospital, na vida profissional, o Deus que o acompanha, o Deus que se invoca, é o Espírito Santo. <sup>139</sup>

Além de se ajustar as mudanças sociais, o Espírito Santo também se aproxima de outro fenômeno em ascensão com o crescimento das cidades, qual seja, a ciência. A partir da Baixa Idade Média, o saber e o conhecimento deixam de ser restritos e ganham espaço também nos ambientes urbanos, através das Universidades e escolas urbanas. Assim, com um dos seus sete dons, o Espírito Santo de Deus se torna o responsável pelo setor da ciência.<sup>140</sup> Por isso mesmo, as produções artísticas e culturais não poderiam deixar de representar uma das manifestações de Deus, não em forma humana como é o caso de seu filho Jesus, mas como pássaro (Figura 23).



**Figura 23: Detalhe do Espírito Santo em Anunciação de Nossa Senhora**  
**Fonte: Livro de Horas [1426-1476]**

Além do Espírito Santo, a Iluminura sobre a passagem da anunciação do Salvador ainda conta com mais duas figuras divinais, quais sejam, a Virgem Maria e o Anjo Gabriel (Figura 24). Ao receber a visita do anjo em seu quarto, Maria encontra-se cabisbaixa em sinal de respeito a presença do anjo, e Gabriel, como na outra ilustração confeccionada por Rouen (Figura 22), se ajoelha diante da graciosidade da virgem escolhida por Deus pai para ser a mãe do salvador. Ainda sobre os aspectos similares a outra ilustração, a mensagem do anjo não é proclamada em alto e bom som, pelo contrário, ela vem escrita em um breve pergaminho em latim – com uma condição de difícil tradução para o português – e mesmo que Jesus não se faça

<sup>139</sup> Ibid. pp. 44-45.

<sup>140</sup> Ibid. p. 48.

presente em corporificação, ele está sendo concebido pelo Espírito Santo de Deus através da palavra.



**Figura 24: Detalhe da anunciação do anjo Gabriel em Anunciação de Nossa Senhora**  
**Fonte: Livro de Horas [1426-1476]**

Apesar dos aspectos similares da passagem canônica da Anunciação do anjo, a presente iluminura possui alguns aspectos diferentes se comparada à analisada na segunda seção e o principal deles diz respeito à parte externa que compõe a Iluminura. Se na primeira produção artística encontramos até o momento da concessão do pecado original por Adão e Eva no Jardim do Éden, na ilustração abaixo observamos apenas algumas flores, plantas e até um animal da lebre. Como fazem parte do suporte em que a produção foi desenhada, não podemos esquecer de analisá-los também. Sobre as flores e as plantas (Figura 25), Silva, pesquisadora da arte, explica que as primeiras representações botânicas surgiram ainda no Antigo Egito e em Roma, e possuíam mera finalidade decorativa. No caso da Idade Média, afirma a pesquisadora, na Europa do século XV as ilustrações de plantas eram presença marcante em pinturas religiosas e poderiam ser elementos ou figurativos ou simbólicos.<sup>141</sup>

<sup>141</sup> SILVA, Alessandra da. “Capítulo 1: Naturalismo científico e ilustração botânica no contexto dos artistas viajantes”. In: Anatomia e botânica: Reflexões subjacentes em arte contemporânea. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais,



**Figura 25: Detalhe elementos botânicos em Anunciação de Nossa Senhora**  
**Fonte: Livro de Horas [1426-1476]**

Além dos elementos botânicos, a passagem também é acompanhada pela presença animalia, qual seja, a lebre. De acordo com Varandas<sup>142</sup>, a partir do século XII, emerge na Europa, inclusive na França, um gênero textual chamado bestiário, definido como livros que falam sobre a natureza dos animais. Assim como os Livros de Horas, os bestiários circulavam entre os monásticos, já que eram copiados e estudados pelos próprios monges. Pela forte influência da Igreja Medieval, estas produções são encharcadas da filosofia neoplatônica cristã e interpretam todas as criaturas como correspondências entre o mundo natural e o divino. E no caso em específico da lebre, ela pode ser identificada por suas características físicas, já que, se comparadas aos coelhos, possuem orelhas maiores e um porte físico que facilita sua rapidez. No mais, suas diferenças afloram desde o nascimento, momento em que os filhotes já nascem peludos e enxergando, enquanto os coelhos não.<sup>143</sup> E, no caso da iluminura aqui estudada, ela aparece por de trás das folhas vencendo a caçada com outra animalia (Figura 26).



**Figura 26: Detalhe animalia na passagem da Anunciação de Nossa Senhora**  
**Fonte: Livro de Horas [1426-1476]**

A passagem da Anunciação de Nossa Senhora também é marcada por ausências. Enquanto na primeira iluminura (Figura 27) Deus pai aparece no alto da representação, neste momento (Figura 28), o conhecido mestre de Rouen optou por não representar a figura do superior.

---

RS, 2019, pp. 35-36.

<sup>142</sup> VARANDAS, Angélica. “O Bestiário: um gênero medieval”. In: MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (coordenação). *Bestiário medieval: perspectivas e abordagens*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais (IEM), 2014, pp. 41 – 54.

<sup>143</sup> Manual do Mundo. “Qual a diferença entre coelhos e lebres? ”. Disponível em: [Descubra as principais diferenças entre lebres e coelhos \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/manual-do-mundo/qual-a-diferenca-entre-coelhos-e-lebres/). Acesso em: 26/07/2021.





**Figura 27 : Detalhe Deus em Anunciação de Nossa Senhora**  
**Fonte: Livro de Horas [1426-1476]**



**Figura 28: Anunciação de Nossa Senhora**  
**Fonte: Livro de Horas, [1426-1476]**

Uma possível justificativa para este fenômeno pode ser encontrada na doutrina messiânica do Joaquinismo. Segundo Le Goff<sup>144</sup>, mesmo Deus sendo o regente superior, ainda

<sup>144</sup> LE GOFF, Jacques. Capítulo 2: Duas figuras maiores, o Espírito Santo e a Virgem Maria. In: *O Deus da Idade*

assim poderia delegar poderes para suas outras manifestações, como o Espírito Santo e o seu próprio Filho. E na produção artística abaixo encontramos a presença de ambos.

Nesse sentido, a iluminura sobre a passagem da Anunciação a Nossa Senhora não só representa o momento da visita do anjo, mas traz consigo também outros elementos, como é o caso das plantas e dos bestiários. Ainda que componham a produção com funções simbólicas ou meramente figurativas, como é o caso das plantas e das flores, estão relacionados à Igreja Medieval. E a presença da história cristã é tão marcante que a ausência de Deus pai também possui um significado, já que sua representação não está limitada à figura de um homem branco e barbudo, Ele pode se manifestar também em outras duas formas que compõe a Trindade Santíssima, ou melhor dizendo, como seu Filho Jesus ou ainda na pessoa do Espírito Santo em forma de pomba branca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer dos três capítulos do presente trabalho, tivemos contato com um debate historiográfico, mas também artístico e cultural. A presença da religião nas comunidades medievais se manifesta nos pormenores, inclusive nas próprias produções iluminadas. Como a maioria dos fiéis era iletrada, a expansão das universidades e o crescimento das cidades oportunizaram o acesso à cultura e também à palavra de Deus das mais diversas formas, inclusive através do visual. Além do mais, não podemos esquecer que os séculos finais da Baixa Idade Média não foram nada fáceis, a peste e a fome assolavam e devastavam grande parte da população europeia.

Diante do contexto conturbado e de crise, as diferentes manifestações divinas poderiam ser uma forma de acalento e esperança para os corações assolados por tristeza e miséria. O Deus medieval, uno por essência, ao se manifestar em três pessoas possibilitou uma aproximação entre o divino e o humano que, até então, havia sido experimentada somente pela bem-aventurada Maria. Inclusive, o *Verbo encarnado* antes de morrer também deixou, como demonstração de mais um ato de bondade e misericórdia, sua santa Mãe como a mãe de toda a humanidade crente na História Cristã. As comunidades medievais, então, ganharam mais um sopro de esperança: Maria agora se tornara sua mãe espiritual.

Ao trabalhar com as fontes iluminadas e as grandes áreas da História correlatas a História Cristã, como a História dos Conceitos e também das Imagens, tive a oportunidade de conhecer mais sobre os sentidos das produções para além de seu caráter religioso. Estudar História e Religião no período medieval ainda mais sendo uma historiadora em formação crente das passagens cristãs é um grande desafio, já que a todo momento corro o risco do limiar entre o que é História e o que é devoção. Mesmo assim, através do suporte bibliográfico, pude realizar uma pesquisa de cunho histórico-científico e não puramente teológico e esta é uma das belezas de se estudar História e Religião.

Além disso, o presente trabalho foi um momento também dedicado a desconstrução de um imaginário medieval imerso na irracionalidade e na trevosidade. Ao estudar Iluminuras, conceito que remete a própria luminosidade de Cristo, busquei contribuir com a construção de uma História Medieval, principalmente ao que chamamos de Baixa Idade Média, rodeada sim de uma predominância da Igreja Medieval e suas devoções, mas sem estar desprovida do conhecimento e da razão. Uma prova disso, é o surgimento das Universidades Medievais e dos Hospitais em decorrência da peste que assolava as pobres almas, é inegável também as



contribuições do saber para este período, ainda que estivesse restrito, em um primeiro momento, aos mosteiros e aos sacerdotes.

Com isso, os três capítulos aqui desenvolvidos foram construídos pensando nesta pluralidade do que podemos entender como História Medieval, tanto que, o primeiro capítulo foi um momento dedicado a correlacionar grandes áreas da História para além da História e Religião, promovendo, então, debates de ordem teórica e interdisciplinar entre a História, a Filosofia e as Artes. Acompanhando este intento, o segundo capítulo foi direcionado a compreender e definir os sentidos e significados do que podemos entender como “Idade Média”, e mais, como o cotidiano e a presença *animália* foram ilustrados pelo famoso mestre de *Rouen*.

E por fim, ao analisar as fontes selecionadas, no terceiro capítulo optei por me debruçar sobre uma passagem que possui relação direta com o divino, qual seja, a anunciação da Virgem Maria pelo anjo Gabriel. Nesta oportunidade, pude esmiuçar e conhecer mais sobre as produções iluminadas, desde os significados das cores até os elementos que compõe as fontes trabalhadas, e também sobre uma das manifestações da Santíssima Trindade.

Nesse sentido, as produções imagéticas ilustradas pelo conhecido mestre de Rouen não são apenas mero objetos de devoção, são também objetos de interesse da História da Religião e da História das Imagens. Através delas é possível apreender como o imaginário medieval acolhia a História Cristã, mas principalmente como poderiam ser utilizadas como difusão da religião da palavra. Assim sendo, mais uma vez o místico e o religioso caminham lado a lado das manifestações políticas e sociais de uma das instituições mais fortes da Idade Média, qual seja, a Igreja Medieval.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

#### ILUMINURAS

IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Livro de Horas [Livro de Horas] / [iluminado pelo Maître de l'Échevinage de Rouen]. - [Rouen, 1426-1476].

- [2], [2] f., [141] p. (16 l.) : perg., il. color. ; 200x143 mm.

IGREJA CATÓLICA. Liturgia E Ritual. Livro De Horas [Livro De Horas] / [Iluminado Pelo Maître De L'Échevinage De Rouen] [1476-1500]. - [88]

F. (20 L.) : Perg., Il. Color. ; 185x132 Mm.

### BIBLIOGRAFIA

ABREU, Clara Habib de Salles. “A concepção do verbo e o silêncio da imagem: a representação visual da crença na conceptio per aurem em pinturas da Anunciação de cristo.”, XII EHA – Encontro De História Da Arte –UNICAMP, 2017, p. 169-176.

ARNALDI, Girolamo. Verbete “Igreja e Papado”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2)*. São Paulo: Unesp, 2017.

AMALVI, Christian. Verbete “Idade Média”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval (vol. 1 e 2)*. São Paulo: Unesp, 2017.

BARROS, José D' Assunção. Fernand Braudel e Geração dos *Annales*. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012, p. 04.

BURKE, Peter. “Capítulo 2- Iconografia e iconologia” e “Capítulo 3 – O sagrado e o sobrenatural”. In: Testemunha ocular: o uso das imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista Estudos Avançados, 1991.

COELHO, Alessandra Prado. “O Brasil tem uma Idade Média”. Público – PT, Lisboa, 18 de janeiro de 2012. Disponível em: [https://www.publico.pt/2012/01/18/jornal/o-brasil-tem-uma-idade-media-23805006#:~:text=Mas%20n%C3%A3o%20existiu%20uma%20Idade%20M%C3%A9dia%20no%20Brasil.&text=Durante%20muito%20tempo%2C%20na%20Hist%C3%B3ria,Ib%C3%A9rica%20era%20olhada%20como%20perif%C3%A9rica](https://www.publico.pt/2012/01/18/jornal/o-brasil-tem-uma-idade-media-23805006#:~:text=Mas%20n%C3%A3o%20existiu%20uma%20Idade%20M%C3%A9dia%20no%20Brasil.&text=Durante%20muito%20tempo%2C%20na%20Hist%C3%B3ria,Ib%C3%A9rica%20era%20olhada%20como%20perif%C3%A9rica.). . Acesso em: 28/03/2021.

ECO, Humberto. “Capítulo III: A luz e a cor na Idade Média”. In: *História da beleza*, Rio de Janeiro: Record, 2004, tradução Eliana Aguiar, pp. 99-130.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAURE, Phillipe. Verbete “Anjos”. In: *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. “A nobreza cristológica de animais no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio.”. In: BUTIÑÁ JIMÉNEZ, Julia, e COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 9. Aristocracia e nobreza no mundo antigo e medieval*, Dez/2009, p. 109-132.

HUIZINGA, Johan. “Capítulo 11: A Imagem da Morte”. In: *O outono da Idade Média: Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010, pp. 221-246.

JACQUES, Le Goff. “Duas figuras maiores, o Espírito e a Virgem”. In: *O Deus na Idade Média: conversas com Jean-Luc Poushier*, tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, pp. 43-61.

KOSELLEK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

LATOUR, Bruno. *Júbilo ou tormentos do discurso religioso*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

MAKOWIECKY, Sandra. *Representação: a palavra, a ideia, a coisa*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. N.57, dez./2003.

Manual do Mundo. “Qual a diferença entre coelhos e lebres? ”. Disponível em: [Descubra as principais diferenças entre lebres e coelhos \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/principaisdiferencas-entre-lebres-e-coelhos/). Acesso em: 26/07/2021.

MELO, Maria João; MIRANDA, Maria Adelaide (orgs.). “Caderno de apoio: A descoberta da cor na Idade Medieval”. In: *A cor da Iluminura Medieval portuguesa*, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Universidade Nova de Lisboa), p. 9. Disponível em: [https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao\\_cadernos\\_de\\_apoio.pdf](https://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao_cadernos_de_apoio.pdf). Acesso em: 16/07/2021.

Palestra ministrada pelo Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto (UFPR) no evento "Uma Idade Média ao Sul do Saara? Pré-Modernidade Africana, Medievalidade e Periodização", no dia 09 de abril de 2021, às 16h através da plataforma Google Meet (informação verbal).

PONNAU, Dominique. *Figuras de Deus: a Bíblia na arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. “a anunciação”. In: *Figuras de Deus: a Bíblia na arte*, São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 81-89.

PRATA, Rafael Costa. Nova História Política e a Idade Média: diálogos, caminhos traçados e possibilidades de estudo da esfera do Poder. *Em Tempo de Histórias*, v. 1, n. 33, p. 76-89, 17 mar. 2019.

RABEL, Claudia. Artiste et clientèle à la fin du Moyen Age : les manuscrits profanes du Maître de l'échevinage de Rouen. In: *Revue de l'Art*, 1989, n°84. pp. 48-49.

REBELO, António Manuel Ribeiro. “As celebrações do Espírito Santo nas dinâmicas histórico-culturais”. *Correio de Coimbra* (Universidade de Coimbra), 6 de Junho de 2019, p. 5.

SANTO AGOSTINHO, De Trinitate / Trindade, *Paulinas Editora*, Prior Velho, 2007.

SCHIMITT, Jean-Claude. Verbetes “Deus”. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT Jean.-Claude. (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval* (vol. 1 e 2). São Paulo: Unesp, 2017, p. 338-357.

SILVA, Alessandra da. “Capítulo 1: Naturalismo científico e ilustração botânica no contexto dos artistas viajantes”. In: *Anatomia e botânica: Reflexões subjacentes em arte contemporânea*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, RS, 2019, pp. 35-36.

SILVA, Kalina Vanderlei. Verbetes “Iconografia”. In: *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 198.

SILVA, Marcelo Cândido da. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2020, (Coleção História na Universidade).

SOUZA, Patrícia Marques de. Illuminatio et meditation: os livros de horas e a devoção laica na Baixa Idade Média. Rio de Janeiro: *Revista Tempo de Conquista*, n° 21, jun/2017.

VAINFAS, Ronaldo. Triunfo da obra: Le Goff entre as mentalidades, a memória e a história. Brathair – *Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 16, n. 2, 2016.

VARANDAS, Angélica. “O Bestiário: um gênero medieval”. In: MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (coordenação). *Bestiário medieval: perspectivas e abordagens*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais (IEM), 2014, pp. 41 – 54. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/28941>. Acesso: 03/11/2021.

VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Visual da crença na conceptio per aurem em pinturas da Anunciação de Cristo.”, XII EHA – Encontro De História Da Arte –UNICAMP, 2017, p. 170.

WEBER, M. A ciência como vocação: In: *Ensaio de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 154-183.